



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA,
CONTABILIDADE E SECRETARIADO EXECUTIVO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

RENATA PINHEIRO DA ROCHA

**RELAÇÕES ESPACIAIS E SETORIAIS DO SETOR TURISMO NA ECONOMIA
CEARENSE**

FORTALEZA

2013

RENATA PINHEIRO DA ROCHA

**RELAÇÕES ESPACIAIS E SETORIAS DO SETOR TURISMO NA ECONOMIA
CEARENSE**

Monografia apresentada à Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Américo
Leite Moreira
Coorientador: Prof. Dr. Francisco
Raimundo Evangelista

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

R576r Rocha, Renata Pinheiro da.
Relações espaciais e setoriais do setor turismo na economia cearense / Renata Pinheiro da Rocha - 2013.
63 f.: il.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas. Fortaleza, 2013.

Orientação: Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira.
Coorientador: Prof. Dr. Francisco Raimundo Evangelista

1.Turismo - Ceará 2.Relações intersetoriais I. Título

RENATA PINHEIRO DA ROCHA

RELAÇÕES ESPACIAIS E SETORIAS DO SETOR TURISMO NA ECONOMIA
CEARENSE

Monografia apresentada ao Curso de
Economia da Universidade Federal do
Ceará como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas.

Aprovada em: 16 / 12 / 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira (Orientador)
Departamento de Teoria Econômica - UFC

Prof. Dr. Fabio Maia Sobral
Departamento de Teoria Econômica – UFC
Membro da Banca Examinadora

Prof. Me. Roberto Alves Gomes
Analista Técnico – Secretaria das Cidades – Governo do Estado do Ceará
Membro da Banca Examinadora

À minha querida mãe Massilene,
a maior e mais brilhante mulher que
existe. Meu eterno agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu vida e inteligência, e que me dá força para continuar a caminhada em busca dos meus objetivos.

Aos meus familiares que me ensinaram a não temer desafios e a superá-los com humildade. Meu pai, Flávio, que não está aqui, mas sei que essa conquista é fruto de seu amor e carinho. Minha Mãe, Massilene, sem ela eu nada seria. As minhas irmãs e irmão pela amizade, convívio e torcida. Ao meu amado sobrinho Matheus, que nasceu para iluminar a minha vida.

Ao meu namorado Renan Amora por estar sempre do meu lado.

Aos meus eternos e inesquecíveis amigos, pois sem eles eu não seria a metade da pessoa que sou hoje, especialmente as minhas amigas Lia e Paula, essa vitória não teria conseguido sem vocês.

Ao Banco do Nordeste do Brasil – BNB e ao ETENE e sua equipe (Escritório Técnico de Estudos do Nordeste) pelo acesso aos dados e ao apoio dado a este trabalho.

Ao Prof. Américo, pelo esforço e paciência dedicados junto comigo para a conclusão desta Monografia.

Ao Prof. Evangelista, por acreditar e guiar este trabalho da melhor forma possível.

Aos meus mestres: todos aqueles que, ao longo desses anos, contribuíram com a minha formação profissional. Obrigada pela dedicação dada para todos os alunos de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará, ressaltando os professores: Fabio Maia Sobral, Jair do Amaral Filho, José Henrique Felix Silva, Marcelo de Castro Callado e Maria Cristina Pereira de Melo.

RESUMO

O turismo tem sido objeto de grande atenção como instrumento de geração de empregos e renda nas economias de países desenvolvidos e emergentes, fomentando diretamente áreas de construção civil, hotelaria, agências de turismo, transporte, entre outros. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar o dinamismo do Turismo Cearense com os demais setores em relação ao Estado do Ceará, restante do Nordeste e Brasil. Tomou-se como instrumento de mensuração a utilização da matriz de insumo-produto fornecido pelo BNB a partir da Tabela de Recursos e Usos (TRU). Inicialmente com 111 setores, a TRU foi reduzida para 18 setores com o objetivo de analisar os impactos do turismo no consumo intermediário, valor adicionado e demanda final nos três recortes regionais. Constatou-se que os efeitos do turismo cearense são prioritariamente potencializados no Estado do Ceará.

Palavras-chave: Turismo. Ceará. Tabela de Recursos e Usos.

ABSTRACT

Tourism has been the object of great attention as means of generating employment and income in the economies of developed and developing countries, directly stimulating areas of construction, hotels, travel agencies, transportation, among others. In this perspective, the present work aims to analyze the dynamics of the state tourism with other sectors in relation to Ceará, the rest of the Northeast and Brazil. It was taken as a measurement instrument, the input-output matrix provided by the BNB from Table of Resources and Uses (TRU). Initially with 111 sectors, TRU was reduced to 18 sectors with the aim of analyzing the impacts of tourism on intermediate consumption, value added and final demand in the three regional areas. It was found that the effects of Ceará tourism are primarily enhanced in the State of Ceará.

Keywords: Tourism. Ceará. Table of Resources and Uses

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Chegadas de turistas ao Brasil (Em milhões).....	24
Gráfico 2 - Evolução da Demanda Turística via Fortaleza e do Desembarque no Aeroporto - 1996/2012.....	26
Gráfico 3 - Receita da Demanda Turística via Fortaleza 2000/2012 (Em milhares).....	27
Gráfico 4 - Taxas de crescimento (%) do PIB Brasil e Ceará – 2007-201.....	28
Figura 2 - Relações fundamentais de insumo-produto, setor x setor.....	35
Figura 3 - Relação dos Setores Incluídos na Matriz Regional de Insumo-Produto do Banco do Nordeste.....	36
Figura 4 - Relações Fundamentais de Insumo-Produto num Sistema Inter-regional.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Turismo Internacional (Em milhões).....	13
Tabela 2 - Valor e crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) a preços de mercado Brasil e Regiões (2007/2010).....	25
Tabela 3 - Agregados turísticos do Ceará (2006/2012).....	29
Tabela 4 - Relação e Composição dos Setores de Estudo Construídos a Partir da Matriz Regional de Insumo-Produto do Banco do Nordeste.....	37
Tabela 5 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense.....	40
Tabela 6 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense por Setor (R\$ Milhões).....	42
Tabela 7 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense no Brasil e Ceará por setor.....	43
Tabela 8 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense, por Atividade do Turismo (R\$ Milhões).....	44
Tabela 9 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense.....	44
Tabela 10 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense por Setor (R\$ Milhões).....	45
Tabela 11 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense no Brasil e Ceará por setor.....	46
Tabela 12 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense, por Atividade do Turismo (R\$ Milhões).....	47
Tabela 13 - Valor Adicionado do Turismo (R\$ Milhões).....	48
Tabela 14 - Destino dos componentes da Demanda Final do Turismo Cearense (R\$ Milhões).....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
ETENE	Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FNE	Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará
OMT	Organização Mundial do Turismo
MIP	Matriz de Insumo-Produto
MTur	Ministério do Turismo
NE	Nordeste
PIB	Produto Interno Bruto
PROATUR	Programa de Apoio ao Turismo Regional
PRODETUR	Programa de desenvolvimento do turismo
RBR	Restante do Brasil
RNE	Restante do Nordeste
SETUR/CE	Secretaria de Turismo do Estado do Ceará
TRU	Tabela de Recursos e Usos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA.....	16
2.1. História do Turismo.....	16
2.2. Conceitos.....	18
2.3. Cadeia Turística.....	19
2.4. Turismo como indústria e seus impactos na Economia.....	21
3 DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO BRASIL E NO CEARÁ.....	24
3.1. Turismo no Brasil.....	24
3.2. Importância do Turismo Cearense.....	25
3.3. Os Principais Programas de Incentivo ao Turismo.....	30
3.3.1. Resultados Alcançados.....	32
4 METODOLOGIA.....	34
4.1. Considerações sobre a Matriz de Insumo-Produto.....	37
4.1.1. Tabela de Recursos e Usos.....	38
5 RESULTADOS E COMENTÁRIOS.....	40
5.1. Análise do Consumo Intermediário.....	40
5.1.1. Compras.....	40
5.1.2. Vendas.....	44
5.2. Análise do Valor Adicionado.....	47
5.3. Análise da Demanda Final.....	49
6 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXOS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O turismo tem sido objeto de grande atenção como instrumento de geração de empregos e renda nas economias de países desenvolvidos e emergentes, fomentando diretamente áreas de construção civil, hotelaria, agências de turismo, transporte, entre outros, e no Brasil não seria diferente.

Apesar do Brasil não ter a localização próxima dos países desenvolvidos e se encontrar em um continente de países mais pobres, o fluxo internacional para o País apresenta-se constante.

O setor turístico no estado do Ceará vem se impondo notoriamente. Fato este constatado pelo contínuo progresso de chegadas de turistas ao território cearense como mostra a figura a seguir:

Tabela 1 – Turismo Internacional (Em milhões)

Anos	Milhões			Participação (%)	
	Mundo	Brasil	Ceará	Brasil/Mundo	CE/Brasil
1998	626,6	4,8	0,079	0,77	1,65
1999	650,2	5,1	0,092	0,78	1,80
2000	689,2	5,3	0,121	0,77	2,28
2001	688,5	4,8	0,173	0,70	3,60
2002	708,9	3,8	0,182	0,54	4,80
2003	696,6	4,1	0,194	0,59	4,73
2004	765,5	4,8	0,250	0,63	5,21
2005	802,4	5,4	0,268	0,67	4,96
2006	841,9	4,0	0,250	0,48	6,25

Fonte: SETUR/CE (2009).

Assim, pode-se afirmar que o turismo é um setor de extrema importância no estado do Ceará, sendo Fortaleza o segundo lugar mais procurado dentre todos os destinos do Brasil. Os gastos per capita desses visitantes geram uma receita direta e um impacto de bilhões na economia local, confirmando a relevância do turismo como fator de desenvolvimento econômico e social no estado. A percepção de que o turismo é uma atividade crucial para o desenvolvimento socioeconômico do Estado, justifica a importância do estudo.

Apesar de muitas pesquisas publicadas evidenciarem a nítida contribuição do turismo para a economia cearense, sabe-se que há equívocos sobre os valores

divulgados. Um dos principais problemas está associado a dupla contagem, quando valores gerados na cadeia de produção aparecem duas vezes na soma.

É fundamental mensurar essa importância para certificar o real valor adicionado proporcionado pelo setor turístico e dessa forma observar sua concreta agregação.

Em razão da importância e da contínua taxa de crescimento do setor turístico no estado do Ceará, torna-se relevante estudar de forma mais aprofundada o comportamento dos outros setores da economia cearense a partir do crescimento e desenvolvimento do turismo, desenvolvendo metodologias que de fato mensurem o impacto.

Este trabalho tem por objeto avaliar o turismo no estado do Ceará e os impactos causados nos diversos setores da economia cearense. O que este trabalho tentará responder é se as compras intermediárias realizadas pelo setor turístico estão sendo potencializadas no estado do Ceará.

O objetivo geral deste trabalho visa aprofundar o entendimento da relação da atividade turística com os demais setores da economia cearense enfatizando os impactos sobre a demanda final, o valor adicionado e consumo intermediário.

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar os principais setores que o turismo compra e vende do Ceará.
- ✓ Verificar as parcelas de compras e vendas do turismo cearense provenientes da região Nordeste.
- ✓ Analisar e comparar a distribuição funcional da renda.

O presente trabalho encontra-se dividido em seis capítulos. Inicialmente, neste capítulo denominado Introdução, foi apresentada uma curta análise da importância do setor turístico como ponderoso instrumento econômico.

No segundo capítulo é apresentada a explanação sobre turismo e a sua evolução histórica a partir de autores que dão suporte para este trabalho. Depois são

colocadas para a melhor compreensão da significância do turismo, um breve comentário de como o setor turístico condiciona impactos sociais e econômicos.

O terceiro capítulo, Desenvolvimento do Turismo no Brasil e no Ceará, trata do potencial turístico de ambos, apresentando estatísticas que comprovam sua relevância neste trabalho.

Posteriormente, no capítulo quatro, é colocada uma abordagem sobre a teoria de Insumo-Produto, apresentando informações de como são utilizados os dados fornecidos pela matriz e de que forma os setores nela contido interagem.

Por fim, os dois últimos capítulos, quinto e sexto, sintetizam os resultados da análise, comentários e conclusão.

2 EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

2.1. História do Turismo

A prática do turismo já é feita há muitos anos. De acordo com Oliveira (2000), nos primeiros Jogos Olímpicos, que ocorreram em 776 a.C na Grécia Antiga, foram promovidas as primeiras viagens que, tempo depois, intensificaram-se ainda mais por causa da descoberta de cura das águas minerais.

Segundo Lage e Milone (2001, p.35) além da Grécia Antiga, é importante destacar a civilização romana que apresentaram vários centros turísticos, sendo os primeiros a criarem locais atrativos e lazer próximo ao Mediterrâneo, nas proximidades das praias, visando atender a fins terapêuticos ou esportivos.

Apesar das viagens terem o seu ritmo diminuído por causa da decadência do Império Romano e a invasão dos bárbaros assim sendo o motivo da lentidão do surgimentos de meios de transporte, na fase do Renascimento a Europa conseguiu florescer culturalmente, fazendo com que surgisse curiosidade ao redor das artes e ao gosto de conhecer, retomando as grandes quantidades de viagens.

Em paralelo a tal florescimento cultural, surgiram situações originadas por mudanças no sistema econômico, conseqüentemente, acarretou mudanças também para com os fatores relacionados a viagens, o que causou o surgimento do primeiro guia de estradas em 1552 na França, escrita por Charles Estiene. Outras publicações foram desenvolvidas, como o *Of Travel* por Francis Bacon em 1612.

O progresso pela curiosidade do descobrimento de novas realidades ganhou cada vez mais espaço, fazendo com que ocorressem melhorias nas condições das viagens e surgissem diversas formas de hospedagem. Conseqüentemente, os serviços aperfeiçoaram-se e assim determinou, por volta de 1600, o surgimento dos primeiros transportes coletivos.

A história do turismo foi marcada por dois fatores importantes: a transformação econômica e social promovida pela Revolução Industrial e o surgimento da classe média, aparecendo novos consumos e necessidades principalmente voltados para o lazer.

De acordo com Lage e Milone (2001) o turismo propositalmente organizado verificou-se em 1841, quando juntamente com todos os fatores mencionados,

elaboraram-se as primeiras atividades turísticas por meio de iniciativa de algumas pessoas destacáveis, como por exemplo, Thomas Cook, onde planejou uma viagem puramente turística, entre duas cidades inglesas, fretando um trem com 570 passageiros para um congresso Antialcoólico, considerando-o assim como o primeiro agente de viagens a promover diretamente benefícios para o desenvolvimento do turismo.

No Brasil, o marco principal do início da atividade turística foi em 1922, ocasionado pelas festas do Centenário da Independência, provocando o surgimento dos primeiros hotéis no Rio de Janeiro.

Em 1924, foi criada a União Internacional de Organizações Oficiais para a Propaganda Turística, cujo primeiro congresso foi elaborado na cidade de Haya, em 1925. Cinquenta anos mais tarde, essa instituição deu origem a Organização Mundial do Turismo (OMT), responsável pela divulgação dos dados estatísticos e relatórios com projeções do mercado turístico no mundo e também no Brasil.

A partir de então, a atividade passou a crescer de forma significativa. Entre os fatores que contribuíram para o desenvolvimento do turismo, podemos destacar as invenções de vários meios de transporte (trem, carro, avião) e, mais recentemente o processo de globalização que facilitou substancialmente a expansão do turismo mundial.

Segundo Beni (2004), a globalização provocou uma maior disponibilização e acessibilidade de amplitude mundial dos produtos, instalações e serviços turísticos. Dessa forma, o mercado de turismo registrou crescimento e desenvolvimento em vários países, aumentando assim sua oferta e conseqüentemente, demanda.

Para Oliveira (2000, p.40):

O turismo é uma força econômica das mais importantes do mundo. Nele ocorrem fenômenos de consumo, originam-se rendas, criam-se mercados nos quais a oferta e a procura encontram-se. Os resultados do movimento financeiro decorrentes do turismo são por demais expressivos e justificam que esta atividade seja incluída na programação da política econômica de todos os países. O turismo, que era para muitos uma atividade secundária, passou receber atenção especial em razão de ser uma fonte geradora de receitas.

Rabahy (2003) reforça o argumento de Oliveira apontando que “com um progressivo crescimento do turismo, países com excelente oferta diferencial desse

mercado passaram a vê-lo como único meio de permitir nações mais pobres viabilizarem sua integração na economia mundial”. Corroborante com Oliveira, o Ministério do Turismo (2012) ratifica a prioridade que deve ser dada ao setor nas políticas nacionais, devido sua importância como geradora de renda e de empregos.

2.2. Conceitos

O turismo apesar de ser uma importante atividade econômica mundial, não possui uma definição ao certo, não existindo amplo consentimento. O conceito de turismo é extensivamente discutido por estudiosos da área. De acordo com Santos (2007, p.15), suas definições podem estar atreladas ao tempo que a pessoa permanece em outro local diferente de sua cidade residente ou até mesmo conforme a atividade desenvolvida pelo turista em outra região.

Schullard (1910 apud OLIVEIRA, 2000, p.31) apresenta uma das mais antigas conceituações: “a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora do país”.

Ratificando Schullard, Andrade (1998) conceitua turismo como um complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos turísticos, atividades relacionados aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.

Segundo Oliveira (2000, p.31) a Organização Mundial do Turismo (OMT) considera o turismo como um “fenômeno que ocorre quando um ou mais indivíduos se trasladam a um ou mais locais diferentes de sua residência habitual por um período maior que 24 horas e menor que 180 dias, sem participar dos mercados de trabalho e capital dos locais visitados”.

Para o MTur (2012) o turismo é uma atividade de demanda, associada ao consumo, sendo seu desempenho fortemente influenciado pelo crescimento de renda dos consumidores efetivos e demandantes potenciais.

Para o Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (2008 apud ROSA, 2008, p.13) entende-se a definição de turismo como

Atividade econômica, representada pelo conjunto de transações (compra e venda de produtos turísticos) efetuado entre agentes econômicos do turismo, gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por quaisquer motivos, executando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local de visita.

Em uma análise mais ampla, Mathieson e Wall (1990 apud Lage e Milone, 2001, p.44) consideram turismo sob três perspectivas: movimento temporário de pessoas para locais diferentes a seus lugares de trabalho e moradia; as atividades efetuadas durante a permanência dessas pessoas nos locais de destino, incluindo negócios realizados; e as facilidades, equipamentos e serviços criados, decorrentes das necessidades dos viajantes.

O renomado estudioso do turismo Beni (2002), explica que o produto turístico é obtido através da exploração dos atrativos naturais e culturais de um determinado país, usando-se tecnologia, trabalho e capital. O autor conceitua ainda que

O produto turístico é um conjunto composto de bens e serviços produzidos em diversas unidades econômicas que sofre uma agregação no mercado ao serem postos em destaque os atrativos turísticos [...]. No caso do turismo, há uma característica ainda mais marcante: o produto turístico é produzido e consumido no mesmo local e o consumidor é que se desloca para a área de consumo [...]

Essa grande quantidade de conceitos dado ao turismo pode ser relacionada pelo fato de encontrar-se ligado a quase todos os setores da atividade social humana, não se podendo dizer que este ou aquele é errôneo, pois “... este fenômeno ocorre em distintos campos de estudo, em que é explicado conforme diferentes correntes de pensamento, e verificado em contextos vários da realidade social.” (BENI, 2003, p.37).

2.3. Cadeia Turística

Segundo Souza (2000), a cadeia turística é considerada como um conjunto das empresas e dos elementos materiais e imateriais que realizam atividades ligadas ao turismo e tem como propósito final aumentar o fluxo de pessoas que se deslocam para determinado lugar, juntamente com seu grau de participação nas várias atividades de recreação, alojamento, “entre outros”.

A autora destaca que o produto turístico é a soma de atrativos, equipamentos, serviços e infraestrutura de apoio e tem a característica marcante de ser produzido e consumido no mesmo local e o consumidor é que se desloca para a área de consumo. Dessa forma, na atividade turística, divergindo-se das outras cadeias, o momento da produção coincide com o da distribuição e, muitas vezes, com o do consumo também, e esses aspectos dificultam a atuação das partes isoladamente. (SOUZA, 2000)

Ainda de acordo com a autora, os produtos turísticos se tornam competitivos quando atraem e mantem um fluxo constante ou crescente de turistas. Mas para tanto, é necessário que as partes que constituem a cadeia tenham atritos insignificativos, e que se encontrem alinhados, proporcionando assim o caminho para a finalidade coletiva: extasiar o turista-alvo.

A autora também destaca que o produto turístico, apesar de intangível e resultado da soma de bens e serviços, apresenta igualmente as mesmas fases de um produto físico qualquer. O trabalho desenvolvido na cadeia provém das mudanças dos estados do produto afim de transformações contínuas visando o melhor aproveitamento dos recursos potenciais e ao prolongamento da fase de equilíbrio.

A partir desta análise, ela propõe uma estruturação da cadeia turística destacando os principais componentes:

- Empresas líderes: meios de hospedagem (hotéis, pousadas, motéis e albergues e extra-hoteleiros como acampamentos, colônia de férias, pensões, leitos familiares), agências de viagem, operadoras turísticas, empresas de alimentação turística (restaurantes, bares, casas de chá, cervejarias, casa de suco), empresas de entretenimento (parques de diversão, clubes, estádios, ginásios, marinas, boates, casas de espetáculo, cinema, teatro), empresas vendedoras de artesanatos e produtos típicos, centros comerciais e galerias de arte;
- Provedores de Serviços: transportadoras (aéreas, terrestres, marítimas), informações turísticas, locadoras de veículos, atendimento a veículos (oficinas), centros de convenções, parques de exposições, auditórios, fornecedores de alimentação, construção civil, artesãos, sistema de comunicação, serviços de energia elétrica;

- Infraestrutura de Apoio: escolas de turismo, serviços de elaboração de projetos, assistência técnica (consultoria especializada), infra-estrutura física (estradas, aeroportos, terminais rodoviários e hidroviários, saneamento básico etc.), instituições governamentais, telecomunicações, sistema de segurança, sistema de seguros, convênio com universidades, representações diplomáticas, casas de câmbio e bancos, equipamento médico e hospitalar, serviços de recuperação do patrimônio público, administração dos resíduos sólidos, preservação do meio ambiente.

Apesar da função de coordenação da cadeia seja pertencente a EMBRATUR, é importante ressaltar a presença da iniciativa privada na coordenação da mesma, ao se empenhar nos diversos programas de desenvolvimento ao turismo.(SOUZA, 2000)

No próximo tópico, ver-se-á a presença da atividade turística como força industrial: sua cadeia mostrando larga expansão e influência em diversos fatores econômicos de um país.

2.4. Turismo como indústria e seus impactos na Economia

O turismo para muitos era considerado uma atividade secundária, mas depois de resultados econômicos de grande significância obtidos através da exploração dessa atividade, passou a receber uma atenção especial por ser fonte geradora de receitas para os países.

É importante ressaltar o turismo como uma indústria, pois “qualquer produto, seja tangível ou intangível, mas que sirva para satisfazer certas necessidades humanas deve ser considerado como um produto industrial”. Wahab (1977, apud OLIVEIRA, 2000, p.42).

O turismo pode ser considerado como indústria por varias razões: existência de organizações dentro do setor que promove viagens e beneficia os locais receptores, emprega uma boa quantidade de mão de obra, exige investimentos, gera rendas, divisas e receitas, valoriza imóvel e impulsiona a construção civil produzindo efeitos múltiplos na economia de um país. (OLIVEIRA, 2000).

A relevância da indústria do turismo é de tamanha consideração que, “A Organização Mundial do Turismo – OMT – insiste, constantemente, junto a governos de todo o mundo, que reconheçam o potencial de criação de empregos no turismo, melhorando as redes de informação, eliminando a burocracia e intensificando a educação turística” (OLIVEIRA, 2000, p.43).

Desta forma, o turismo sendo uma atividade industrial, influencia e causa efeitos nas economias nacionais, refletido na produção, no emprego, no balanço de pagamento, no setor público, no desenvolvimento regional, na distribuição de renda, nos preços, no câmbio, na moeda e até nos termos de troca com outros países. OMT (1978, apud RABAHY, 2003, p.62).

Segundo Gunn (2001, apud LAGE; MILONE, p.128) com relação aos impactos econômicos do turismo, pode-se classificá-los em:

- Impactos diretos: representados pelo total de renda criada nos setores turísticos como resultante direta da variação dos gastos com esses produtos.
- Impactos indiretos: representados pelo total de renda criada pelos gastos dos setores de turismo em bens e serviços produzidos e ofertados pela economia.
- Impactos induzidos: representados na medida em que os níveis de renda aumentam em toda a economia como resultado dos impactos diretos e indiretos das variações dos gastos turísticos, e, ainda, parte da renda adicional é gasta em bens e serviços produzidos internamente.

Com base na obra de Lage e Milone (2001, p.128), estes impactos podem ser positivos ou negativos. Os positivos indicam que o turismo pode proporcionar para a economia de um país o aumento da renda do local receptor por meio de entrada de divisas, estimula investimentos, gera empregos, redistribui riquezas e possui efeitos multiplicadores, sendo este causado pelos gastos turísticos onde essas despesas permanecem na região e é reciclado por meio da economia local, sendo um fator de extrema importância.

Os fatores negativos presentes na economia do turismo, como em qualquer atividade econômica, são: pressão inflacionária, dependência do turismo, custos sociais e ambientais e prioridades de investimento.

Logo, o setor turístico é gerador de fatores econômicos e sociais consideráveis. Sobre os impactos econômicos, há efeitos diretos nos principais indicadores da economia como PIB, emprego e renda. Com relação ao aspecto social, o “desenvolvimento do turismo, como um progresso industrial, cria larga modificação” (LAGE; MILONE, 2001, p.154) acarretando mudanças socioculturais na população, no meio ambiente e nos hábitos de consumo.

Para o melhor desempenho do turismo, é fundamental a execução de ações estatais e a participação de investimentos privados para que seja alcançado um melhor bem-estar da população incitando a expansão da economia local. (SETUR/CE, 2005). Portanto, os efeitos do turismo na economia devem ser avaliados por um plano de desenvolvimento econômico, fazendo com que as autoridades públicas e privadas tomem decisões corretas para que a atividade turística desempenhe papel importante referente a crescimento e desenvolvimento socioeconômico, conforme Santos (2007, p.21).

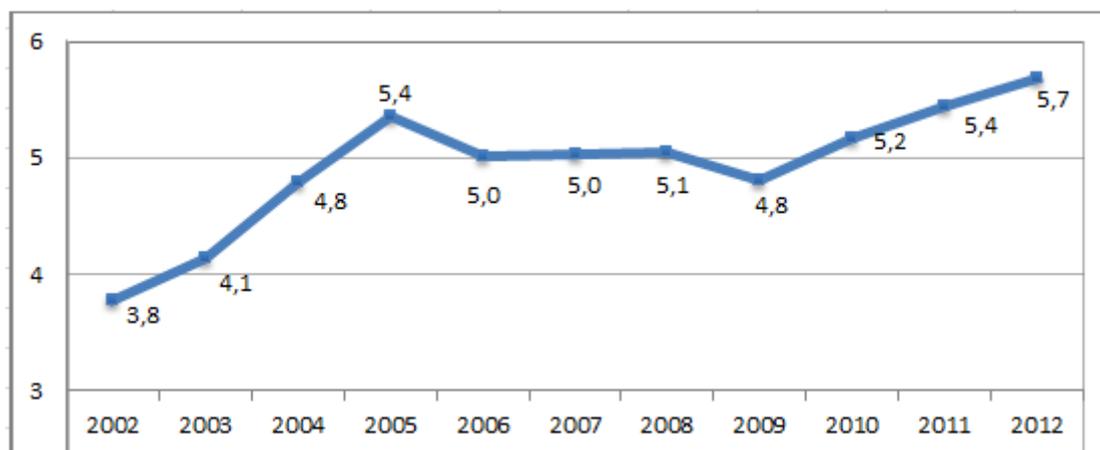
3 DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO BRASIL E NO CEARÁ

3.1. Turismo no Brasil

O Brasil apesar de ser um país emergente, possui uma grande potencialidade para desenvolver a indústria do turismo tanto para os próprios residentes, como para os estrangeiros. O país dispõe de uma considerável vantagem graças as suas paisagens naturais e diversidades histórico-culturais apresentadas em seu vasto território.

Como resultado, o Brasil apresenta crescimento considerável no fluxo receptivo de estrangeiros fomentando a entrada de receitas internacionais, o que contribui para com o crescimento da economia brasileira. Atualmente o Brasil é o país da América do Sul que mais atrai turistas estrangeiros – em 2012 foram cerca de 5,7 milhões de turistas.

Gráfico 1 - Chegadas de turistas ao Brasil (Em milhões)



Fonte: MTur (2012)

O turismo no território brasileiro vem ganhando destaque ano após ano, em virtude de sua participação significativa direta e indiretamente no desenvolvimento econômico e social do país.

De acordo com estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério do Turismo (MTur), tem-se que a atividade turística no Brasil evoluiu 32,4% de 2003 a 2009, enquanto a economia brasileira apresentou crescimento de 24,6%. Diante deste fato, pode-se afirmar que a indústria do

turismo no Brasil é de suma importância e que mantêm um constante crescimento sobre o PIB do País, apesar de ser baixa comparada a outros países como França, Estados Unidos e China (MTur,2012).

No caso da região Nordeste, o dinamismo do setor turístico vem sendo significativo, constituindo-se um dos principais determinantes do crescimento do PIB da região. De fato, a análise do PIB das regiões do Brasil, constatou-se um substancial crescimento da região Nordeste, sobressaindo-se entre as demais com uma taxa acumulada de 19,75%.

Tabela 2 – Valor e crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) a preços de mercado Brasil e Regiões (2007/2010)

Regiões	R\$ milhão				
	2007	Rk	2010	Rk	Var. % 2007/2010
Norte	133.578	5	201.511	5	19,17
Nordeste	347.797	3	507.502	3	19,75
Sudeste	1.501.185	1	2.088.221	1	19,57
Sul	442.820	2	622.255	2	17,61
Centro-Oeste	235.964	4	350.596	4	23,33
Brasil	2.661.344		3.770.085		19,59

Fonte: Ipece – Informe 46.

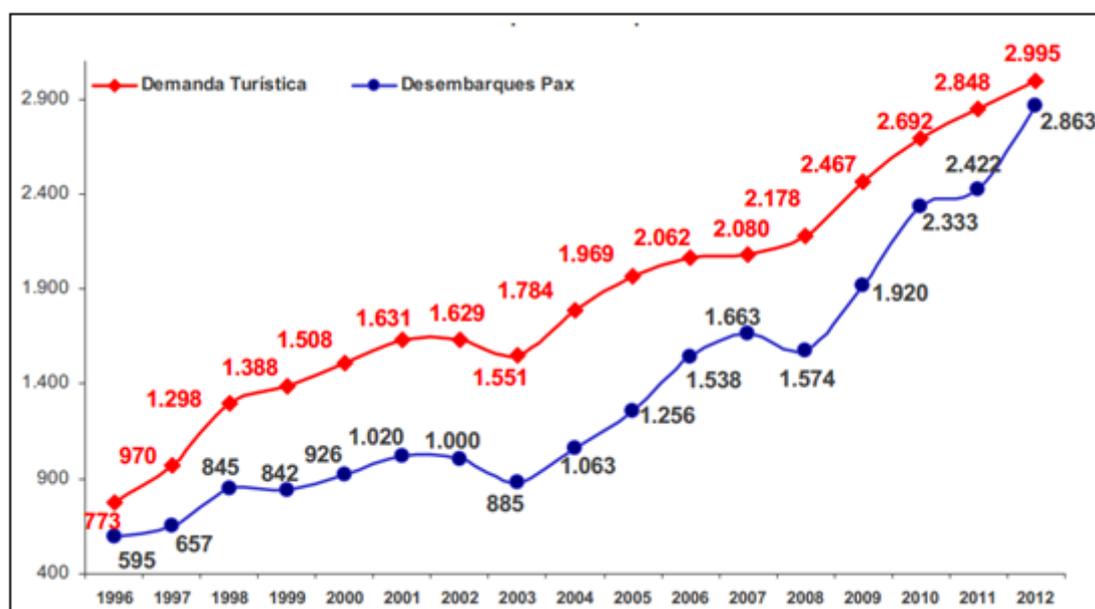
Apesar de ser a terceira colocada em participação do PIB brasileiro, comprova-se na Tabela 2 que ao passar dos anos, a variação do Nordeste cresce acima das outras regiões, abaixo apenas do Centro-Oeste.

Uma das causas do progresso da região nordestina está associada ao forte dinamismo do setor de Serviços juntamente com atividades ligadas ao turismo no Estado do Ceará. Dessa forma, o setor turístico vem desenvolvendo um grande papel, tornando-o uma atividade de grande significância na economia cearense.

3.2. Importância do Turismo Cearense

O Ceará atualmente se encontra em uma posição de expressivo crescimento no que se refere às atividades turísticas. O estado cearense vem sobressaltando-se de maneira relevante durante anos. O fluxo de turista no período de 1996/2012, via Fortaleza, registrou um considerável progresso durante esse intervalo de tempo, com taxa média de crescimento de 9%, saltando de 773 mil em 1996 para quase 3 milhões em 2012. (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Evolução da Demanda Turística via Fortaleza e do Desembarque no Aeroporto – 1996/2012

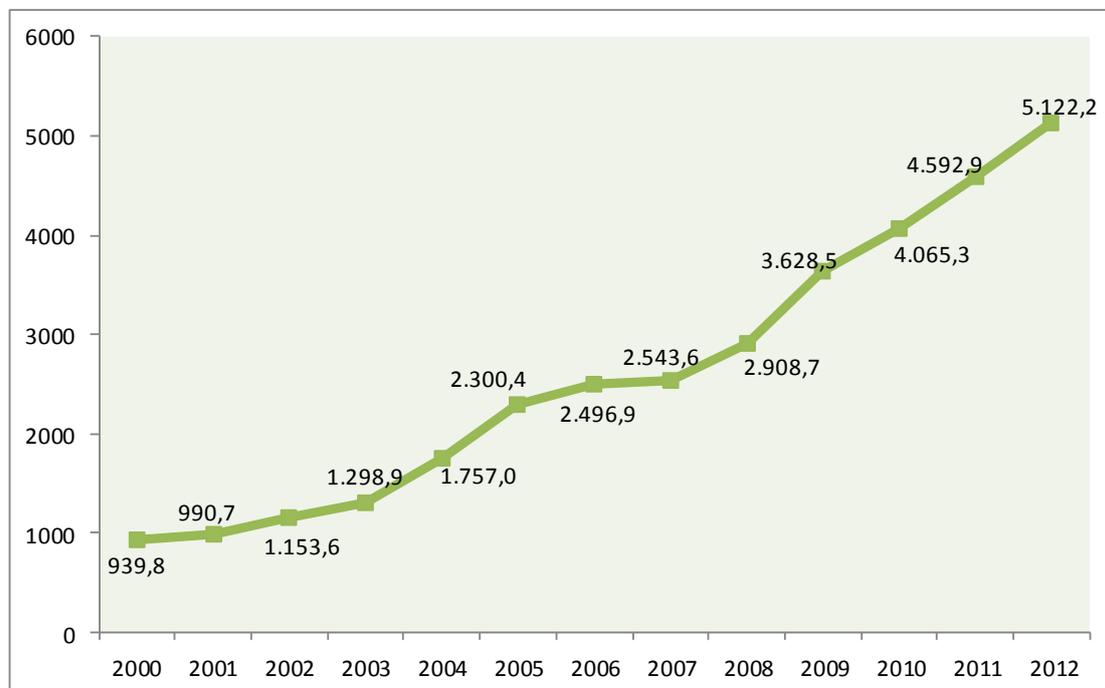


Fonte: SETUR/CE (2012).

Com base no estudo feito pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) em parceria com o MTur (2012.5), a capital do Ceará, Fortaleza, atualmente se encontra na 4ª posição de cidade que mais recebe turistas brasileiros e a 2ª como destino mais desejado dos mesmos. Segundo a SETUR/CE (2013), os principais mercados emissores domésticos por região em 2011 para o Ceará, via Fortaleza, são as regiões Sudeste (39,50%) – com destaque para o Estado de São Paulo (7,9%) - e Nordeste (35,92%) – com destaque para os Estados de Piauí (5,0%) e Maranhão (4,9%) -, a soma destes já abrangendo mais de 70% dos turistas brasileiros em terras cearenses. Já em uma abordagem internacional, os principais países emissores são: Itália (26,63%), Portugal (20,13%), França (7,72%), Espanha (7,12%) e Alemanha (6,60%).

Em face da expansão do fluxo de turistas para o Ceará, provocou em consequência uma maior receita turística, gerando entrada de recursos, em média anual, no valor de R\$ 2,6 milhões durante os anos de 2000 a 2012. (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Receita da Demanda Turística via Fortaleza 2000/2012 (R\$ Milhares)

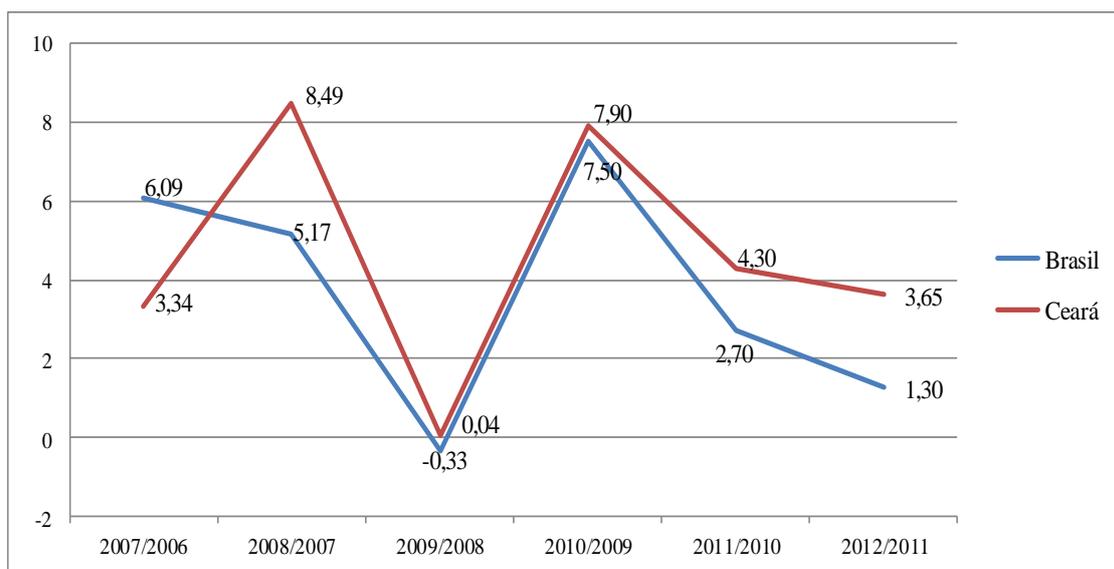


Fonte: SETUR/CE (2012).

Essa forte expansão tem sido crucial para o desenvolvimento do Estado. De acordo com Instituto de Pesquisa do Estado do Ceará (IPECE, 2012.1), o Ceará vem apresentando um acentuado processo de desenvolvimento socioeconômico, principalmente nas duas últimas décadas. Esse desenvolvimento tem sido marcado, economicamente, pela expansão de atividades ligadas ao Comércio, Turismo, Indústria, Agronegócio e Comércio Exterior.

Em 2011 a economia do Ceará era a 12ª maior do País e a 3ª da região Nordeste, com um Produto Interno Bruto (PIB) estimado de R\$ 84,4 bilhões, e um PIB per capita de R\$ 9.666, abrangendo cerca de 2% do PIB brasileiro (IPECE, 2012.2). Nos últimos anos, o PIB cearense vem registrando crescimento acima da média nacional. (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Taxas de crescimento (%) do PIB Brasil e Ceará – 2007-2012



Fonte: IPECE (2012.2).

Como apresentado, o dinamismo da economia cearense tem de fato se mostrado mais eficiente. Segundo o IPECE, as quedas abruptas no ano de 2009 revelam o impacto negativo afetado pela crise econômica mundial e por fatores ambientais, acarretando profunda decadência do setor Agropecuário, prejudicando indústrias de grande importância do estado.

Em 2010, as atividades que foram decisivas para expansão do PIB cearense foram de Comércio, Construção Civil e atividades ligadas a Alojamento e alimentação, este último seguimento refletindo o desempenho positivo do turismo.

Conforme dados divulgados pela SETUR/CE (2013), o impacto do turismo na economia cearense ultrapassou a casa dos R\$ 8 bilhões no ano de 2012. Neste ano o Ceará, via Fortaleza, recebeu quase o equivalente a 3 milhões de turistas, apresentando um crescimento de 45% em relação ao ano de 2006. A variação no PIB cearense no mesmo período foi de 14,9%, passando de 9,4% para 10,8% entre 2006 e 2012. Quanto à renda gerada a partir das atividades econômicas relacionadas ao turismo cresceu mais de 100%, reafirmando a grande importância do setor no estado.

Com relação ao mercado de trabalho, a influência do turismo foi igualmente importante para a geração de emprego. Segundo o IPECE, o ramo de alojamento e alimentação foi o grande responsável pela elevada expansão de empregos nos últimos anos, estes associados com o ótimo desempenho do turismo. Com maior fluxo de verba

alavancado pelo setor, houve um aumento significativo no emprego: 12,3% entre 2006 e 2012.

Tabela 3 – Agregados turísticos do Ceará (2006/2012)

Agregados	Período		Variações (%)	
	2006	2012	Total	Anual
Demanda Turística Via Fortaleza	2.062.493	2.995.024	45,2	6,4
Nacional	1.794.369	2.761.412	53,9	7,5
Internacional	268.124	233.612	-12,90	-2,30
Demanda Hoteleira de Fortaleza	1.082.274	1.633.641	50,9	7,1
Taxa de ocupação hoteleira	57,4	69,6	21,3	3,3
Receita Turística Direta (R\$ milhões)	2.496,9	5.122,2	105,1	12,7
Renda Gerada (R\$ milhões)	4.369,6	8.963,9	105,1	12,7
Impacto sobre o PIB (%)	9,4	10,8	14,9	2,3
Impacto no Setor Serviços (PIB)	13,9	15,2	9,6	1,5
Oferta Hoteleira no Ceará (Uhs)	24.294	27.551	13,4	2,1
Empregos (Hotelaria e Alimentação)	117.997	132.521	12,3	2,0
Movimento no Aeroporto (mil pax)	2.950	5.955	101,9	12,4

Fonte: SETUR/CE (2012).

Diante do evidente destaque do turismo no Ceará, as políticas do estado estão voltadas para o seu melhor desenvolvimento, contando com ações desde o interior até a capital, como a construção dos aeroportos de Aracati (inaugurado) e Jericoacoara e ampliações de vias rodoviárias para facilitar o acesso aos principais destinos turísticos cearenses.

Conta também com a inauguração em 2012 do Centro de Eventos do Ceará (CEC), sendo o segundo maior do Brasil, que visa atrair uma maior quantidade de turistas para o estado, enfatizando principalmente o turismo de negócios e também potencializando o desenvolvimento dos meios de transporte, construção de hotéis, construção de túneis e ampliação de vias, destinada para facilitar o acesso e deslocamento dos turistas. As potencialidades turísticas do Estado são inúmeras e fortes,

colocando o Ceará como um dos principais destinos de viagem doméstica. Com base nisso, o Governo do Estado do Ceará quis inovar e projetou a construção do Acquário Ceará¹, previsto sua abertura para o ano de 2014, visando ampliar as atividades turísticas do Estado e assim fazer com que o turismo desempenhe uma função ainda mais forte na economia cearense.

Percebe-se então, que o turismo no Estado do Ceará atrelou desenvolvimento a interiorização do Estado, fazendo com que o Ceará evoluísse de maneira relevante, desconcentrando os impactos das receitas turísticas e dessa forma, reduzindo as desigualdades regionais existentes graças ao forte investimento e consideração pelo setor em grande parte do território cearense.

Grande parte da expansão do setor turístico cearense foi resultado das políticas públicas voltadas para o setor na região Nordeste.

3.3. Os Principais Programas de Incentivo ao Turismo

Mais uma evidência da importância do setor turístico, são as políticas públicas de incentivo ao turismo, financiadas pelo setor público: Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) e o Programa de Apoio ao Turismo Regional (PROATUR), que são programas que acabaram sendo destinados (direcionados) principalmente ao Nordeste.

O Prodetur, criado pelo Governo Federal e financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), tem como objetivo propiciar um desenvolvimento turístico sustentável e integrado, garantindo melhorias de vida da população local, bem como aumentar a receita do setor e sua capacidade de gestão (MTur). A primeira edição do programa foi o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE) e tem como Órgão Executor o Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

O PRODETUR/NE foi elaborado com o propósito de criar condições de prosperação na região Nordeste no que se associa ao setor de turismo. Isso quer dizer

¹O Acquário Ceará é alvo de muitas objeções quanto a sua construção, desde seu valor orçado (R\$ 250 milhões) até seus impactos sociais e ambientais. Para maiores detalhes, recomenda-se a pesquisa e o conhecimento das polêmicas existentes.

que tanto será criada condições auspiciosas para a atividade turística na região, visando melhorias de vida aos turistas, e quanto a melhorar a qualidade de vida dos residentes locais.

A área que envolve o programa compreende os nove estados do Nordeste mais o norte de Minas Gerais e Espírito Santo. Nesses pedaços dos estados do Sudeste, a atuação do programa é feita através de financiamentos de obras visando infraestrutura, proteção do patrimônio histórico, cultural e ambiental, capacitação profissional e fortalecimento institucional das administrações de estados e municípios (BNB, 2005).

O programa foi desenvolvido a partir de estudos do BNDES para detectar atividades que, desenvolvidas no Nordeste, apresentariam vantagens competitivas. Verificou-se assim que o turismo seria a atividade mais promissora da região, com maiores viabilidades de trazer benefícios significativos. Sua primeira edição teve início em meados de 1994 (PRODETUR/NE – I) e foi concluída em 2005. De acordo com relatório final do projeto, feita pelo BNB, obteve-se como resultados: desenvolvimentos institucionais (órgãos e departamentos ligados ao turismo), obras múltiplas em infraestrutura básica e serviços públicos, melhoramento de aeroportos e investimentos em estudos e projetos voltados ao setor turístico. Atualmente, o PRODETUR encontra-se em sua segunda fase (PRODETUR-II), a fim de minimizar erros e aprender as lições apontadas no relatório do BNB apresentado ao BID.

O principal objetivo do programa é alcançar alicerces buscando o desenvolvimento contínuo e organizado do turismo no Nordeste.

O PROATUR pertence ao Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), lançado em 1994, cuja função resume-se no financiamento em diversas áreas visando expressivo crescimento econômico e social da região nordestina.

Este programa tem como intuito integrar e fortalecer a cadeia produtiva do turismo local e regional motivando o aumento de empregos, melhoria do perfil de distribuição de renda e indução ao uso racional e sustentável das potencialidades turísticas da região. Seu público-alvo são empresas privadas cadastradas pelo MTur, ou seja, firmas com serviços cuja finalidades sejam voltadas para o segmento do turismo.

No ano de 2011, a avaliação dos seus resultados e impactos nas regiões de atuação do BNB apresentou mais de 400 milhões em operações de crédito, com destaque para a atividade de alojamento, sendo o segmento com a maior quantidade de financiamentos correspondendo a 28% do total dos recursos.

No ano de 2010 foi lançado o Proatur-Copa com o propósito de aprimorar as ofertas de serviços estruturais relacionadas ao turismo (resort, hotéis, pousadas, restaurantes, arenas, agências de turismo) nas capitais do Nordeste que sediarão a Copa do Mundo em 2014.

Além do FNE PROATUR, o setor turismo conta com outros dois programas de financiamento pelo FNE: o programa de Financiamento das Micro e Pequenas Empresas (FNE-MPE) e o programa FNE Empreendedor Individual (FNE-EI).

3.3.1 Resultados Alcançados

De acordo com relatório disponibilizado pelo BNB (2007), o PRODETUR/CE em sua primeira fase, desenvolveu ações em parte da região no litoral oeste de Fortaleza, denominada Polo Ceará Costa do Sol, englobando os municípios de Fortaleza, Caucaia, São Gonçalo do Amarante, Paracuru, Paraipaba, Trairi e Itapipoca, numa extensão de mais de 150 km de litoral. Através desse programa, tornou-se possível o fortalecimento institucional dos órgãos ligados ao turismo, e dessa forma aumentando a capacitação de serviços turísticos.

O PRODETUR/CE I teve como resultados a construção do novo aeroporto internacional de Fortaleza, onde resultou a mudança de aeroporto regional para internacional; construção de rodovias, para consolidar o acesso de turistas aos destinos litorâneos do Ceará; implantações de saneamento básico em diversos municípios e ações de proteção e recuperação ambiental.

Com sua primeira fase já encerrada, atualmente a segunda fase encontra-se em estágio ativo. O PRODETUR/CE II conta investimentos de US\$ 800 milhões e tem como premissa: minimizar ou eliminar impactos negativos sobre o ambiente gerado por atividades turísticas, obras múltiplas, desenvolvimento institucional, sinalização turística dos destinos, entre outros deveres que deixou a desejar na primeira fase. (SANTOS, 2007).

Diante de efeitos positivos após a primeira fase do programa, nesta segunda fase é importante dar sustentabilidade ao turismo no Polo Turístico Costa do Sol, onde contribuiu com a melhoria da qualidade de vida dos municípios beneficiados do PRODETUR/CE I e nos municípios de Aquiraz, Jijoca de Jericoacoara e Camocim, que deverão ser beneficiados nesta segunda fase, por terem sido impactados pelas ações desenvolvidas no PRODETUR I. (SEMACE).

Com relação ao programa financiado pelo FNE, o PROATUR acarretou como consequências no Estado do Ceará – em uma avaliação de 1998 a 2008 – a distribuição no impacto de emprego: com 113 estabelecimentos financiados pelo programa, permitiu a geração de 13.470 empregos formais em 2008. A receita bruta desses estabelecimentos no ano de 2008 foi de R\$ 276,8 milhões, correspondendo aproximadamente 22% do total gerado por 11 estados (Nordeste mais ES e MG).

Estudos realizados pelo BNB (2010) revelam que o estado possui o maior indicador de geração de empregos, ficando com o indicador² de 17,30. Com relação ao número de estabelecimentos financiados pelo FNE, o estado cearense fica em segundo lugar, possuindo 17,78% do total das empresas financiadas. Em termos de variável da receita, o Ceará aparece com o terceiro melhor indicador² (4,18), ficando atrás de Sergipe (13,40) e Alagoas (4,64).

Ainda de acordo com BNB (2010), o estado cearense se encontra entre os principais estados que se beneficiaram com os recursos do Programa. O Ceará, junto com Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Maranhão, agregam em torno de 90,2% do total financiado.

No primeiro semestre do ano de 2012, o programa forneceu para o Ceará cerca de R\$ 108 milhões, correspondendo a 15% do valor total dos recursos distribuídos pelo PROATUR.

² Este indicador é um multiplicador que mensura o fator de proporcionalidade do valor anterior e posterior aos financiamentos.

4 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho baseia-se na estrutura metodológica de trabalhos desenvolvidos pelo BNB, como por exemplo, o estudo feito pelo autor EVANGELISTA (2012), com o tema: Relações Espaciais e Setoriais da Economia Nordestina – O Setor Agrícola.

Os impactos para a economia cearense vão ser calculados tomando-se como base a utilização de um Modelo Multirregional de MIP para o Nordeste, desenvolvido pelo BNB em parceria com a Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2010.

Para fornecer as respostas necessárias para este trabalho, se usará a Tabela de Recursos e Usos (TRU), que propicia informações primordiais sobre os relacionamentos setoriais e espaciais das atividades econômicas.

O modelo insumo-produto possibilita estudar os impactos provocados por alterações na demanda de um setor específico.

Dada a expressão

$$Ax + y = x$$

onde A é a matriz dos coeficientes diretos de insumo e o x e y são vetores-coluna. Pela sua resolução, chegamos a uma equação onde é expressa matricialmente a economia conforme abordagem de insumo-produto

$$x = (1 - A)^{-1}y$$

em que $(1 - A)^{-1}$ é a matriz de Leontief.

As linhas da matriz A podem ser descritas como $x_i = \sum_{j=1}^n \alpha_{ij}x_j + y_i$ onde α_{ij} “é o coeficiente técnico que indica a quantidade de insumo do setor i necessária para a produção e uma unidade de produto final do setor j ” (2004, apud EVANGELISTA, 2012, p.2)

Assim, temos:

Figura 2 – Relações fundamentais de insumo-produto, setor x setor

		Setores Compradores				Demanda Final				Produção Total (PT)
		1	2	...	111	C	I	G	X	
Setores Vendedores	1	Insumos Intemediários								PT1
	2									PT2

	111									PT111
		Impostos Indiretos Líquidos (ILL)				ILL				
		Importações (M)				M				
		Valor Adicionado								
		PT1	PT2	...	PT111					PT

	Consumo intermediário
	Demanda final
	Agregação de valor

Fonte: Evangelista (2012).

Na Figura 2, cada linha corresponde ao valor total da produção do setor i gerada pela venda para outros setores (inclusive para o próprio setor i) e/ou para os integrantes da demanda final. Nas colunas, indica que o valor da produção total do setor i foi formado pela agregação aos gastos com os insumos dos impostos indiretos, do valor das importações e do valor adicionado.

Sendo este trabalho descritivo, as informações fornecidas pela TRU não necessitam de recurso à álgebra matricial que embasa, por exemplo, o cálculo dos multiplicadores das matrizes de insumo-produto. A matriz utilizada retrata a estrutura econômica existente nos estados no ano de 2004 e foi obtida através de pesquisas diretas junto aos agentes econômicos e a partir das informações disponíveis em nível nacional do Sistema de Contas Nacional. Contempla uma abertura de 111 grupos de atividades econômicas e nove estados e o Resto do Brasil.

Figura 3 – Relação dos Setores Incluídos na Matriz Regional de Insumo-Produto do Banco do Nordeste

N	Setor	N	Setor	N	Setor
1	Milho	47	Defensivos agrícolas	93	Transporte Aquaviário de passageiros
2	Cana-de-açúcar	48	Perfumaria, higiene e limpeza	94	Ativ. Aux. de Transp. - Passageiros
3	Soja	49	Tintas, vernizes, esmaltes	95	Correios
4	Fruticultura	50	Prod. quím. diversos	96	Serviços de Telefonia Móvel
5	Outras Culturas	51	Indústria da Borracha	97	Serviços de Telefonia Fixa
6	Silvicultura	52	Artigos Plásticos	98	Outros serviços de informação
7	Extrativismo Vegetal	53	Cimento	99	Intermediação financeira e seguros
8	Bovinos	54	Fab. de vidro e de produtos do vidro	100	Serviços imobiliários e aluguel
9	Outros Pecuária	55	Out. prod. de minerais não-metálicos	101	Serviços de manutenção e rep/ção
10	Suínos	56	Fab. de aço e derivados	102	Serviços de Alojamento
11	Aves	57	Metalurgia de metais não-ferrosos	103	Serviços de Alimentação
12	Extrativismo Animal (Pesca)	58	Prod. de metal - excl. máq. e equip.	104	Serviços prestados às empresas
13	Petróleo e Outros	59	Máquinas e Implementos Agrícolas	105	Educação mercantil
14	Gás Natural	60	Máqu. p/ Prospeção e Extr. Petróleo	106	Saúde mercantil
15	Ativ. de Serv. - Extr. de Petr. e Gás	61	Outras Máquinas e equip.	107	Outros serviços
16	Minério de ferro	62	Eletrodomésticos	108	Educação pública
17	Outros da indústria extrativa	63	Máqu. p/ escritório e informática	109	Saúde pública
18	Abate de Bovinos	64	Máqu., aparelhos e metaléctricos	110	Segurança Pública
19	Abate de Suínos e Outros	65	Material eletrônico e comunicações	111	Out. Adm. Públ. e Segurid. Social
20	Abate de Aves	66	Aparelhos hospitalar, medida e óptico		
21	Fabricação de Óleos Vegetais	67	Automóveis, camionetas e utilitários		
22	Indústria de Laticínios	68	Caminhões e ônibus		
23	Benef. Produtos Vegetais	69	Peças e acess. p/ veículos		
24	Rações	70	Outros equip. de transporte		
25	Fabricação de Açúcar	71	Indústria do Mobiliário		
26	Indústria do Café	72	Indústrias Diversas		
27	Outros produtos Alimentares	73	Produção de Energia Elétrica		
28	Bebidas	74	Distribuição de Energia Elétrica		
29	Produtos do fumo	75	Gás encanado		
30	Têxteis	76	Água e esgoto		
31	Artigos do vestuário e acess.	77	Serviços de limpeza urbana		
32	Artelatos de couro e calçados	78	Construção		
33	Prod.s de madeira - excl. móveis	79	Comércio Atacadista		
34	Fab. de celulose e pasta	80	Comércio Varej. de Combustível		
35	Fab. de papel e artef. de papel	81	Comércio Varej. Veículos e Peças		
36	Jornais, revistas, discos	82	Supermercados		
37	Refino de petróleo e coque	83	Outros Comércio Varejistas		
38	Alcool	84	Transporte Rodoviário Carga		
39	Outros elementos químicos	85	Transporte Aéreo Carga		
40	Adubos e Fertilizantes	86	Transporte Ferroviário Carga		
41	Fab. de Petroquímicos Básicos	87	Transporte Aquaviário Carga		
42	Fab. de interm. p/ resinas e fibras	88	Transporte Dutoviário Carga		
43	Fab. de outr. quím. orgânicos	89	Ativ. Aux. dos Transp. Carga		
44	Fab. de Resinas e Elastômeros	90	Transporte Rodoviário de passageiros		
45	Fab. de fibras, fios e cabos	91	Transporte Aéreo de passageiros		
46	Farmácia e Veterinária	92	Transporte Ferroviário de passageiros		

Fonte: Guilhoto (2010).

Em respeito aos insumos intermediários, ter-se-ia uma sub matriz de 1.110 (mil cento e dez) linhas e 1.110 (mil cento e dez) colunas. Por isso, decidiu-se pela redução dos setores de estudo, sendo definidos em 18 setores a partir dos 111 contemplados na TRU.

O turismo, tema central deste trabalho, resulta da junção dos setores da MIP Nordeste: Transporte Rodoviário de Passageiros, Transporte Aéreo de passageiros, Transporte Ferroviário de passageiros, Transporte Aquaviário de passageiros, Atividade

auxiliar de transporte de passageiros, Serviços de Alojamento e Serviços de Alimentação.

Tabela 4 - Relação e Composição dos Setores de Estudo Construídos a Partir da Matriz Regional de Insumo-Produto do Banco do Nordeste

N	Setor de Estudo	Setores da MIP
1	Agropecuária	1 a 12
2	Outras Indústrias	13 a 17, 29, 33 a 66
3	Indústria de Alimentos	18 a 27
4	Indústria de Bebidas	28
5	Texteis e Artigos do vestuário e acessórios	30 e 31
6	Artefatos de Couro e Calçados	32
7	Indústria do Transporte	67 a 70
8	Indústria do Mobiliário e Diversas	71 e 72
9	Serviços Industriais de Utilidade Pública	73 a 77
10	Construção Civil	78
11	Comércio	79 a 83
12	Logística	84 a 89
13	Turismo	90 a 94, 102 e 103
14	Outros Serviços	100,101,104 e 107
15	Infra-Estrutura e Comunicação	95 a 98
16	Intermediação Financeira	99
17	Educação e Saúde	105 e 106
18	Governo	108 a 111

Fonte: Adaptado de ETENE/CEIS. Elaborado pela autora.

Assim como no estudo elaborado pelo autor SANTOS (2013), haverá apenas três recortes: o Estado do Ceará, os demais estados do Nordeste e o restantes dos estados do Brasil. Dessa forma, a Tabela de Recursos e Usos elaborada, ter-se-á na parte que retrata o consumo intermediário uma submatriz quadrada de ordem 54 (18 atividades distribuídas em cada uma das três localidades).

4.1 Considerações sobre a Matriz de Insumo-Produto

O cenário confiante do desenvolvimento do Brasil fez com que estudos evoluíssem de forma que subsidiasse tomadas de decisões governamentais e privadas economicamente. A resposta para este seria um projeto onde analisasse a estrutura econômica regional, buscando setores produtivos mais eficazes para o desenvolvimento de variáveis desejadas, como emprego, renda e produção. (Guilhoto, 2010).

Em geral, a economia funciona para equacionar demanda e oferta. O economista W. Leontief, fundador da análise de insumo-produto, auferiu uma construção de uma “fotografia econômica”, onde se mostra como os setores estão relacionados entre si. Como resultado obtém-se “uma visão única e compreensível de como a economia funciona – como cada setor se torna mais ou menos dependente dos outros.” (Guilhoto, 2010, p. 27).

As relações fundamentais de insumo-produto mostram que as vendas dos setores podem ser utilizadas dentro do processo produtivo pelos diversos componentes da demanda final (famílias, governo, investimento, exportações). Entretanto, para a produção são necessários insumos, os impostos que são pagos, importação de produtos gerando valor adicionado (como salário) e emprego.

O modelo de insumo-produto, portanto, passou a ser utilizado em diversas pesquisas devido aos seus resultados significativos. Casos notórios são os estudos realizados pelo BNB utilizando a Matriz de Insumo-Produto (MIP), exemplos: guia de concepção dos programas de financiamento do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE); modelo econométrico regional de insumo-produto (MERIP) capaz de antecipar a estrutura econômica regional, que foi elaborada juntamente com a FIPE/USP e o Regional Economics Applications Laboratory (REAL).

A MIP Nordeste mais atual, criada pelo BNB (Guilhoto et al, 2010) baseada na MIP nacional do IBGE (ano de referência 2004) vem sendo utilizada para estimar consequências econômicas dos empréstimos do Banco em termos de acréscimos em produção, produto, empregos, massa salarial, impostos e importação.

4.1.1 Tabela de Recursos e Usos

De acordo com Santos (2013), a TRU apresenta os fluxos de oferta e demanda dos bens e serviços, a renda e o emprego gerados pelas diversas atividades econômicas. Dessa forma, a tabela indica uma representação abrangente das operações econômicas ocorridas em um espaço e tempo determinados.

A construção da MIP-NE foi materializada com base na TRU, sendo esta tabela tomada por valores do ano 2004. A TRU e a Matriz de Insumo-Produto do Nordeste (MIP-NE) foram construídas por renomados pesquisadores da FIPE com a

colaboração do ETENE do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Nota-se que a metodologia utilizada na elaboração da MIP-NE é a mesma que o IBGE faz uso para estimar a Matriz de Insumo-Produto brasileira: “a MIP apresenta todos os fluxos comerciais entre os setores da economia, a análise de como uma cadeia produtiva ou complexo relaciona-se com os demais ramos de atividade se torna mais clara” (SANTOS, 2013).

As relações fundamentais que determinam a TRU são apresentadas da seguinte forma:

Figura 4 – Relações Fundamentais de Insumo-Produto num Sistema Inter-regional

	Setor Região L	Setor Região M	LL	MM	
Set. Reg L	Insumos Intermediários LL	Insumos Intermediários LM	DF LL	DF LM	Prod. Total L
Set. Reg M	Insumos Intermediários ML	Insumos Intermediários MM	DF ML	DF MM	Prod. Total M
	Imp. Resto do Mundo (M)	Imp. Resto do Mundo (M)	M	M	M
	Imp. Ind. Liq. (IIL)	Imp. Ind. Liq. (IIL)	IIL	IIL	IIL
	Valor Adicionado	Valor Adicionado			
	Prod. Total Região L	Prod. Total Região M			

Fonte: Guilhoto (2010).

Com base no referencial metodológico, apresentaremos os principais resultados obtidos em relação aos impactos da atividade turística cearense sobre o consumo intermediário, valor adicionado e demanda final.

5. RESULTADOS E COMENTÁRIOS

De acordo com a Tabela de Recursos e Usos, objeto de estudo deste trabalho, as áreas identificadas são três: o Consumo Intermediário, onde apresenta as relações intersetoriais de compras e vendas; o Valor Adicionado, onde registra a agregação de valor das 18 atividades; e finalmente a área da Demanda Final, que fornece a direção dos bens finais na Economia. A seguir, será feita a análise dessas áreas relacionadas ao turismo cearense.

5.1. Análise do Consumo Intermediário

Neste tópico, serão trabalhados os resultados utilizando as 18 atividades abertas comparando-os com os outros, e em seguida, será realizado um detalhamento das atividades que compõem o turismo.

5.1.1 Compras

O setor turismo no Ceará adquiriu, em uma análise das compras de insumos intermediários, um total de R\$ 1,09 bilhão em todo o país, dos quais R\$ 672,66 milhões foram efetuados no Ceará, significando uma participação de 61,3%. Para o resto do Nordeste e resto do Brasil os valores foram de R\$ 65,20 milhões, obtendo participação de 5,9% e de R\$ 360 milhões com participação de 32,8% respectivamente.

Tabela 5 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense

	Ceará	Demais Estados do Nordeste	Resto do Brasil	TOTAL
Milhões	672,66	65,20	360,00	1097,86
%	61,3%	5,9%	32,8%	100,0%

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

Desdobrando os 18 setores trabalhados, os que se destacam com participações consideráveis nesta análise para as compras do turismo cearense são cinco: Outras Indústrias, Indústria de Alimentos, Comércio, Indústria de Bebidas e Outros Serviços. A soma da participação destes cinco setores ultrapassam 70% do total das compras comprovando a relevância de tais atividades.

Considerando todos os estados brasileiros, o setor com a maior participação é o de Outras Indústrias com 20%, em seguida Indústria de Alimentos (18,9%), Comércio (15,2%), Indústria de Bebidas (12,96%) e Outros Serviços (7,1%).

Não muito diferente para os demais estados da região Nordeste (exceto Ceará) o turismo cearense adquiriu uma maior parcela de compras dos mesmos cinco setores com relação a todo Brasil, incluindo somente uma nova atividade com importância contributiva, o setor Agropecuária com participação de 5,4%, apresentando-se acima do setor Outros Serviços (4,8%). A soma desses seis setores chega a aproximadamente 90%, sobressaindo mais uma vez o setor Outras Indústrias com uma participação de 37,4%.

No caso das compras internalizadas no estado cearense o cenário muda um pouco. Além do setor de maior participação ser diferente dos casos de todo o Brasil e Nordeste, sendo o setor de maior relevância o Comércio com participação de 21,8%, entra o setor de Logística com 7,7%, onde nas outras análises não tinha uma relevância importante. Curioso fato é que no caso do Ceará, o setor Outras Indústrias, que outrora sua participação é bastante significativa nas outras observações, ele não entra com participação forte dentro do estado, ficando com uma mera participação de 1,8%.

Para o resto do Brasil, são levados em consideração somente três setores, estes concentrando aproximadamente 83% e como no caso do Ceará, surgindo um setor que não teve valor significativo em nenhum dos três recortes já comentados: Indústria de Transporte (14%) mais os setores Outras Indústrias (51,1%) e Indústria de Bebidas (17,4%). A Indústria de Transporte, que aqui aparece forte, é provavelmente causa da grande demanda existente do turismo nos estados do Sudeste como comentado no capítulo 3.

Tabela 6 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense por Setor
(R\$ Milhões)

	CE	% CE	RNE	% RNE	RBR	% RBR	TOTAL
Turismo	28,72	4,3%	1,19	1,8%	2,83	0,8%	32,80
Agropecuária	20,56	3,1%	3,55	5,4%	12,93	3,6%	37,12
Outras Indústrias	12,00	1,8%	24,37	37,4%	184,00	51,1%	220,76
Indústria de Alimentos	130,51	19,4%	13,64	20,9%	62,67	17,4%	207,22
Indústria de Bebidas	126,63	18,8%	5,91	9,1%	9,70	2,7%	142,52
Texteis e Artigos do vestuário e acessórios	14,71	2,2%	0,68	1,0%	1,01	0,3%	16,44
Artefatos de Couro e Calçados	0,03	0,0%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,03
Indústria do Transporte	0,12	0,0%	1,65	2,5%	50,37	14,0%	52,17
Indústria do Mobiliário e Diversas	0,47	0,1%	0,29	0,4%	1,64	0,5%	2,40
Serviços Industriais de Utilidade Pública	26,14	3,9%	0,42	0,6%	0,62	0,2%	27,23
Construção Civil	0,52	0,1%	0,04	0,1%	0,07	0,0%	0,63
Comércio	146,42	21,8%	6,23	9,6%	13,82	3,8%	166,78
Logística	52,09	7,7%	2,14	3,3%	6,62	1,8%	60,96
Outros Serviços	67,20	10,0%	3,11	4,8%	7,87	2,2%	78,33
Infra-Estrutura e Comunicação	16,95	2,5%	0,79	1,2%	2,01	0,6%	19,78
Intermediação Financeira	24,09	3,6%	0,90	1,4%	3,12	0,9%	28,16
Educação e Saúde	3,02	0,4%	0,18	0,3%	0,38	0,1%	3,58
Governo	2,49	0,4%	0,12	0,2%	0,34	0,1%	2,95
	672,66	100,0%	65,20	100,0%	360,00	100,0%	1099,86

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

Em uma análise da participação do Estado do Ceará em relação a todo o território brasileiro, as atividades relevantes que o setor turismo comprou foram: Comércio (13,3%), Indústria de Alimentos (11,9%) e Indústria de Bebidas (11,5%). Apesar das três atividades não terem uma participação tão forte, a maior parte de compras é internalizada dentro do Ceará, com o montante de 61,3%, ou seja, o turismo cearense adquire a maioria dos insumos intermediários dentro do próprio estado.

Tabela 7 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense no Brasil e Ceará por Setor

	Milhões	% CE	% BRA
Turismo	28,72	4,3%	2,6%
Agropecuária	20,56	3,1%	1,9%
Outras Indústrias	12,00	1,8%	1,1%
Indústria de Alimentos	130,51	19,4%	11,9%
Indústria de Bebidas	126,63	18,8%	11,5%
Texteis e Artigos do vestuário e acessórios	14,71	2,2%	1,3%
Artefatos de Couro e Calçados	0,03	0,0%	0,0%
Indústria do Transporte	0,12	0,0%	0,0%
Indústria do Mobiliário e Diversas	0,47	0,1%	0,0%
Serviços Industriais de Utilidade Pública	26,14	3,9%	2,4%
Construção Civil	0,52	0,1%	0,0%
Comércio	146,42	21,8%	13,3%
Logística	52,09	7,7%	4,7%
Outros Serviços	67,20	10,0%	6,1%
Infra-Estrutura e Comunicação	16,95	2,5%	1,5%
Intermediação Financeira	24,09	3,6%	2,2%
Educação e Saúde	3,02	0,4%	0,3%
Governo	2,49	0,4%	0,2%
Total CE	672,66	100,0%	61,3%

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

Abrindo o setor turismo e analisando os sete setores que o compõe, as compras feitas no Estado do Ceará que obtiveram notoriedade foram: Atividades Auxiliares de Transportes – Passageiros, com 44% do Consumo Intermediário, seguido pelos Serviços de Alimentação (37%) e Transporte Rodoviário de Passageiros (8,5%).

Considerando as compras realizadas nos demais estados nordestinos, ocorre uma mudança significativa. O Transporte Rodoviário de Passageiros que se encontrava na 3ª posição, apresenta-se em primeiro com uma participação eminente de 94%, cerca de R\$ 1,1 milhão, ficando o Serviços de Alimentação e Serviços de Alojamento com 3,8% e 1,5%, respectivamente.

As compras originadas no restante do Brasil obtiveram suas participações idênticas aos demais estados nordestinos, possuindo a mesma classificação: Transporte Rodoviário de Passageiros (92,6%), Serviços de Alimentação (5,6%) e Serviços de Alojamento (5,6%).

Tabela 8 - Origem e Participação (%) das Compras do Turismo Cearense, por Atividade do Turismo (R\$ Milhões)

	CE	RNE	RBR	TOTAL
Turismo	28,7	1,2	2,8	32,8
Transporte Rodoviário de passageiros	2,4	1,1	2,6	6,2
Transporte Aéreo de passageiros	0,9	0,0	0,0	0,9
Transporte Ferroviário de passageiros	0,1	0,0	0,0	0,1
Transporte Aquaviário de passageiros	0,0	0,0	0,0	0,0
Atividades Auxiliares de Transportes - Passageiros	12,7	0,0	0,0	12,7
Serviços de Alojamento	1,7	0,0	0,0	1,8
Serviços de Alimentação	10,8	0,0	0,2	11,0
Participação (%)	CE	RNE	RBR	TOTAL
Turismo	100,0	100,0	100,0	100,0
Transporte Rodoviário de passageiros	8,5	94,6	92,6	18,9
Transporte Aéreo de passageiros	3,2	0,0	0,0	2,8
Transporte Ferroviário de passageiros	0,2	0,0	0,0	0,2
Transporte Aquaviário de passageiros	0,1	0,0	0,0	0,1
Atividades Auxiliares de Transportes - Passageiros	44,2	0,1	0,2	38,7
Serviços de Alojamento	5,9	1,5	1,6	5,4
Serviços de Alimentação	37,8	3,8	5,6	33,7

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

5.1.2 Vendas

O turismo cearense distribuiu insumos intermediários um total de R\$ 462,39 milhões para todo o território nacional. Desse total, R\$ 408,82 milhões ou 88,4% foi direcionado para o Estado do Ceará, ficando o restante do Nordeste com uma participação de 3,6% (R\$ 16,78 milhões) e os demais estados brasileiros com 8% (R\$ 36,79 milhões).

Tabela 9 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense

	Ceará	Demais Estados do Nordeste	Resto do Brasil	TOTAL
Milhões	408,82	16,78	36,79	462,39
%	88,4%	3,6%	8,0%	100,0%

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

Considerando todos os estados do Brasil, os setores que mais se acentuam são: Turismo, Comércio, Outros Serviços, Governo e Educação e Saúde. Estes cinco setores agregam um pouco mais de 70% do total de vendas do turismo cearense para todo o país. O setor que mais se ressalta entre os demais é o Governo, dispendo de uma fatia de 25% do total das vendas efetuadas, em seguida Outros Serviços, Educação e Saúde, Comércio e Turismo com 17%, 14%, 7,2% e 7% na devida ordem. Quando o destino passa a ser os demais estados do Brasil, exceto Nordeste, os principais setores

que o turismo do Ceará vende são os mesmos, porém a liderança fica com Outras Indústrias, ficando o Governo na quarta posição.

As vendas direcionadas para o Ceará possuem o mesmo quadro geral com relação a todos os estados brasileiros como comentados acima, com os setores possuindo participações percentuais idênticas. O estado cearense no caso das vendas de insumos intermediários possui essa relação equivalente por conta da sua enorme participação no total como já fora comentado (88,4%).

Na região Nordeste, salvante o Ceará, os setores que mais absorvem os percentuais de vendas realizadas pelo turismo cearense são o Governo (45%), Outras Indústrias (13,5%), Turismo (9,1%), Outros Serviços (8,4%) e Educação e Saúde (6,8%).

Tabela 10 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense por Setor (R\$ Milhões)

	CE	% CE	RNE	% RNE	RBR	% RBR	TOTAL
Turismo	28,72	7,0%	1,52	9,1%	1,65	4,5%	31,90
Agropecuária	1,91	0,5%	0,08	0,5%	0,30	0,8%	2,29
Outras Indústrias	21,13	5,2%	2,27	13,5%	7,67	20,9%	31,07
Indústria de Alimentos	7,36	1,8%	0,16	1,0%	0,86	2,3%	8,39
Indústria de Bebidas	2,78	0,7%	0,06	0,4%	0,13	0,4%	2,97
Texteis e Artigos do vestuário e acessórios	5,22	1,3%	0,14	0,9%	0,18	0,5%	5,54
Artefatos de Couro e Calçados	5,96	1,5%	0,04	0,2%	0,06	0,2%	6,06
Indústria do Transporte	1,86	0,5%	0,18	1,1%	2,38	6,5%	4,42
Indústria do Mobiliário e Diversas	1,04	0,3%	0,01	0,1%	0,13	0,4%	1,18
Serviços Industriais de Utilidade Pública	3,63	0,9%	0,22	1,3%	0,21	0,6%	4,06
Construção Civil	10,79	2,6%	0,46	2,8%	0,69	1,9%	11,94
Comércio	29,88	7,3%	0,70	4,2%	2,55	6,9%	33,13
Logística	9,79	2,4%	0,26	1,5%	1,10	3,0%	11,15
Outros Serviços	71,52	17,5%	1,41	8,4%	4,29	11,6%	77,21
Infra-Estrutura e Comunicação	17,67	4,3%	0,29	1,7%	1,86	5,1%	19,82
Intermediação Financeira	25,11	6,1%	0,29	1,7%	2,23	6,0%	27,62
Educação e Saúde	58,69	14,4%	1,14	6,8%	6,27	17,0%	66,10
Governo	105,75	25,9%	7,56	45,0%	4,25	11,5%	117,55
	408,82	100,0%	16,78	100,0%	36,79	100,0%	462,39

Fonte:

TRU/BNB. Elaborada pela autora.

Em relação às vendas do turismo cearense dentro do Ceará com todos os estados brasileiros, abrindo para os 18 setores, é evidente a grande participação do Governo, sendo seu valor de R\$ 105,75 milhões correspondendo a 26% do total das vendas do Ceará e 23% do Brasil.

Tabela 11 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense no Brasil e Ceará por setor

	Milhões	% CE	% BRA
Turismo	28,72	7,0%	6,2%
Agropecuária	1,91	0,5%	0,4%
Outras Indústrias	21,13	5,2%	4,6%
Indústria de Alimentos	7,36	1,8%	1,6%
Indústria de Bebidas	2,78	0,7%	0,6%
Texteis e Artigos do vestuário e acessórios	5,22	1,3%	1,1%
Artefatos de Couro e Calçados	5,96	1,5%	1,3%
Indústria do Transporte	1,86	0,5%	0,4%
Indústria do Mobiliário e Diversas	1,04	0,3%	0,2%
Serviços Industriais de Utilidade Pública	3,63	0,9%	0,8%
Construção Civil	10,79	2,6%	2,3%
Comércio	29,88	7,3%	6,5%
Logística	9,79	2,4%	2,1%
Outros Serviços	71,52	17,5%	15,5%
Infra-Estrutura e Comunicação	17,67	4,3%	3,8%
Intermediação Financeira	25,11	6,1%	5,4%
Educação e Saúde	58,69	14,4%	12,7%
Governo	105,75	25,9%	22,9%
Total CE	408,82	100,0%	88,4%

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

Na tabela 12 mostra as atividades que integram o setor turístico e sua distribuição de vendas relacionadas aos três recortes.

No Ceará e nos demais estados do Nordeste, o Transporte Rodoviário de Passageiros lidera, com 70% das vendas (cerca de R\$ 20 milhões) e 92,7% (cerca de R\$ 1,4 milhão), respectivamente.

Já analisando o restante do Brasil, a liderança continua com a atividade de Transporte Rodoviário de Passageiros com 38,2% do total, seguida por Transporte Aéreo de Passageiros, que aparece com 35,6%. Além desses, o Setor de Alimentação (13,7%) também registra uma participação representativa.

Tabela 12 - Origem e Participação (%) das Vendas do Turismo Cearense, por Atividade do Turismo (R\$ Milhões)

	CE	RNE	RBR	TOTAL	
Turismo	28,7	1,5	1,7	1,7	31,9
Transporte Rodoviário de passageiros	20,1	1,4	0,6	0,6	22,2
Transporte Aéreo de passageiros	2,6	0,0	0,6	0,6	3,1
Transporte Ferroviário de passageiros	0,3	0,0	0,1	0,1	0,4
Transporte Aquaviário de passageiros	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Atividades Auxiliares de Transportes - Passageiros	1,1	0,0	0,1	0,1	1,2
Serviços de Alojamento	0,5	0,0	0,0	0,0	0,5
Serviços de Alimentação	4,2	0,0	0,2	0,2	4,4
Participação (%)	CE	RNE	RBR	TOTAL	
Turismo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Transporte Rodoviário de passageiros	70,0	92,7	38,2	38,2	69,4
Transporte Aéreo de passageiros	8,9	0,0	35,6	35,6	9,9
Transporte Ferroviário de passageiros	1,0	1,3	5,6	5,6	1,3
Transporte Aquaviário de passageiros	0,1	0,2	0,2	0,2	0,1
Atividades Auxiliares de Transportes - Passageiros	3,9	1,2	5,9	5,9	3,8
Serviços de Alojamento	1,6	2,1	0,7	0,7	1,6
Serviços de Alimentação	14,6	2,5	13,7	13,7	13,9

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

5.2. Análise do Valor Adicionado

Neste tópico, tem-se a estrutura da produção do setor turístico cearense. Cabe lembrar que para alcançar um determinado valor de produção, é necessário aquisição de insumos nacionais e estrangeiros (importação), pagar impostos e remunerar os fatores de produção, estes compostos pelo capital e trabalho.

O Valor Adicionado é exatamente as remunerações dos fatores de produção que são necessários para se chegar ao Valor Bruto da Produção (VBP). Os componentes de tais fatores de produção, capital e trabalho, são alvo de discussões de visões econômicas graças à forma de sua distribuição.

Segundo a economia clássica, a remuneração dos fatores de produção é composta da seguinte forma: $Y = W + L + I + A^3$, representando assim a distribuição funcional da renda (distribuição do produto nacional entre proprietários de terra, donos do capital e trabalhadores).

Já destacado a importância do valor adicionado, é evidente a relevância da sua análise no estudo. Por tanto, observa-se na tabela 13 o valor adicionado do turismo nos três recortes.

³Onde Y é a renda ; W salários; L lucros; I Juros e A Aluguéis.

Tabela 13 – Valor Adicionado do Turismo (R\$ Milhões)

	CE	%	%Yd	RNE	%	%Yd	RBR	%	%Yd
VBP (CI + VAB)	2.755,7	100,0		14.022,2	100,0		106.614,5	100,0	
CI Total	1.335,4	48,5		6.971,1	49,7		57.978,8	54,4	
Valor Adicionado Bruto	1.420,3	51,5		7.051,1	50,3		48.635,7	45,6	
Remunerações	757,8	53,4	53,9	3.587,0	50,9	51,4	22.642,5	47,1	47,1
Excedente Op. Bruto e Rend. Misto Bruto	647,7	45,6	46,1	3.385,7	48,0	48,6	25.407,4	52,9	52,9
Impostos e Subsídios Líquidos	14,8			78,4			585,7		
Renda disponível (Yd = VAB - T)	1.405,5			6.972,7			48.049,9		
Pessoal Ocupado	205.085,4			935.394,5			4.051.394,9		
Salários	628,3			2.959,4			18.640,5		
Salário Médio	326,4			316,1			217,3		

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

O turismo gerou no Ceará uma produção de R\$ 2,7 bilhões, obtendo R\$ 1,3 bilhão pela aderência de insumos intermediários e dessa forma, o valor adicionado contribuindo com um total de R\$ 1,4 bilhão. Apresentados esses valores, a participação do consumo intermediário é de 48,5%, dessa forma, o valor adicionado bruto contribui com 51,5%. Os demais estados do Nordeste também tem a maior parte da sua produção total gerada pelo valor adicionado bruto, agregando 50,3% ao total. Já na análise do restante dos estados brasileiros, a maior parte fica com o consumo intermediário, obtendo participação de 54,4%.

A distribuição do Valor Adicionado é composta pelas remunerações dos trabalhadores; o excedente operacional bruto, pertencente aos proprietários dos fatores de produção; rendimento misto bruto classificado pelo IBGE, onde se encontram os trabalhadores autônomos; e os impostos e subsídios líquidos, podendo ser chamado também de Governo. A participação do Ceará mostra-se mais distribuída do que o resto do Nordeste e Brasil. As remunerações registram a maior fatia do valor adicionado total, 53,4%. Esta participação é distribuída entre os trabalhadores, ficando os proprietários com 46,6% do total. Assim, pode-se afirmar que no Ceará apresenta uma melhor e maior realocação de recursos.

Na tabela 13 são também assinaladas as porcentagens da renda disponível, desconsiderando o Governo. As participações mostraram-se idênticas, comprovando que o turismo cearense não é uma atividade subsidiada.

O estado cearense também apresenta o melhor salário médio, no valor de R\$ 326,40. A diferença para o resto do Nordeste não é muito significativa (R\$ 316,10), mas o resto do Brasil apresenta uma média bastante fraca, sendo sua diferença passando de R\$ 100,00, ficando então R\$ 217,30.

Em uma análise de todas as 18 atividades no Estado do Ceará, constata-se que o Turismo é um dos principais setores que distribuem renda, ficando como o sexto setor que mais realoca os recursos do valor adicionado. (ANEXO H).

5.3. Análise da Demanda Final

A Demanda Final apresenta-se na Tabela de Recursos e Usos como representação do PIB sob a ótica da despesa. Ela fornece a direção dos bens finais da Economia: Exportações, Governo, Consumo das Famílias ou Investimento. Pela Macroeconomia, sabe-se que $Y = C + I + G + X - M$, porém os componentes aqui comentados da Demanda Final só não obedecem fielmente essa identidade porque as importações são apresentadas como uma linha da TRU, ou seja, mostra as compras realizadas em cada uma das atividades. (Santos, 2013)

Nesta análise, as exportações são os “consumos” em outros países; denomina-se Governo a soma do consumo da administração pública e o consumo das instituições sem fim lucrativo ao serviço das famílias (ISFLSF); e o investimento compõe-se da agregação da formação bruta de capital fixo e variação de estoques, não havendo depreciação, por isso, podendo também ser chamado de investimento bruto.

Tabela 14 – Destino dos componentes da Demanda Final do Turismo Cearense
(R\$ Milhões)

	CE	RNE	RBR	TOTAL
EXPORTAÇÕES	224,3	0,0	0,0	224,3
GOVERNO	0,0	0,0	0,0	0,0
CONSUMO DAS FAMILIAS	2.408,3	32,1	98,4	2.538,7
INVESTIMENTO	-469,8	0,0	0,0	-469,8
DEMANDA FINAL	2.162,8	32,1	98,4	2.293,3
Estrutura Percentual	%	%	%	%
EXPORTAÇÕES	10,4	0,0	0,0	9,8
GOVERNO	0,0	0,0	0,0	0,0
CONSUMO DAS FAMILIAS	111,4	99,9	100,0	110,7
INVESTIMENTO	-21,7	0,1	0,0	-20,5
DEMANDA FINAL	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: TRU/BNB. Elaborada pela autora.

Os produtos e serviços finais do turismo cearense são distribuídos da seguinte forma: no próprio Ceará, as exportações ficam com 10,4%, o investimento com uma participação negativa de 21,7%, deixando o consumo das famílias como a grande receptora da demanda final, com uma total de R\$ 2,4 bilhões, ou seja, 111,4%.

No resto do Nordeste e Brasil, as participações são bastante semelhantes, ambos apresentando a estrutura percentual basicamente voltada para o consumo das famílias, ficando o RNE com 99,9% (0,1% destinados ao investimento) e o RBR com 100%.

Como o setor turismo é uma atividade de serviços, espera-se que o componente de consumo das famílias seja alto e o investimento baixo.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho elaborado sobre o Turismo Cearense proporcionou respostas para a série de hipóteses colocada no estudo. Dessa forma, podem-se relatar diversos fatores significantes, comentados a seguir.

Primeiramente, em uma avaliação da relevância do setor turístico cearense para a região nordestina, constatou-se que tanto nas compras como nas vendas de consumo intermediário sua participação não é expressiva, ficando bem atrás do resto do Brasil e do Ceará. Por outro lado, o setor de turismo no Ceará compra e vende para si de forma bastante significativa, ficando suas participações no valor de 61,3% e 88,4% na devida ordem.

O turismo cearense é responsável pela produção de R\$ 14 bilhões no Resto do Nordeste (RNE), sendo 50,3% desse total contribuído pelo valor adicionado. É importante ressaltar que as remunerações no RNE possuem 51,4% da renda disponível, ou seja, a maior parte dos salários pagos é distribuída aos trabalhadores. No Ceará, essa parcela é ainda mais relevante, chegando a 54%.

Por outro lado, apesar da boa participação dos trabalhadores na renda disponível, o setor turístico continua com uma estrutura salarial precária e baseada em baixos salários. No Ceará, o salário médio gira em torno de R\$ 326,40, contra R\$ 316,10 no RNE e R\$ 217,30 no RBR, lembrando que esses valores são referentes ao ano 2004. Trazendo para valores atuais (preços de 2012) através do IGP-DI aos salários ficam nos seguintes valores: R\$ 489,57 no Ceará, R\$ 473,73 no RNE e R\$ 325,66.

Concernente a Demanda Final, o turismo sendo um setor de serviços, tem seus bens e serviços finais direcionados ao consumo das famílias, esta possuindo participação máxima nos três recortes analisados neste trabalho.

No geral o turismo cearense, qualquer que seja a área de análise (CI, VA ou DF), tem seus impactos voltados para dentro, potencializando-os dentro do estado e revelando uma interdependência desse setor com as demais atividades da estrutura cearense.

Os principais setores que o turismo cearense compra do Ceará são: Comércio, Indústria de Alimentos, Indústria de Bebidas, Outros Serviços e Logística. Já nas vendas, são: Governo, Outros Serviços, Educação e Saúde, Comércio e Turismo.

Os pontos fracos deste trabalho encontram-se nos valores referentes a 2004 na Matriz, e consequentemente na TRU. Outro lado negativo deste trabalho está associado ao caráter descritivo dos resultados.

Com relação a distribuição de renda disponível, alguns estudos indicam que apesar da melhor qualificação dos trabalhadores, o salário médio não sofreu alteração substancial. São interessantes novos estudos que investiguem as causas de tal fenômeno.

Recomenda-se como possível continuação deste trabalho, abrir o setor Outras Indústrias, que se mostrou bastante significativo nas avaliações feitas através do turismo cearense.

Seria crucial também um estudo mais aprofundado utilizando a Matriz de Leontief, visando um resultado mais consistente com relação aos efeitos multiplicadores das atividades (impactos causados pela renda injetada e gasta na Economia) e assim obtendo respostas mais eficazes, que complementem este trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. V. **Turismo. Fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BENI, M. C. **Análise estrutural do Turismo**. 7. ed. São Paulo: Senac, 2002.

BENI, M. C. **Globalização do Turismo**. Megatendências do Setor e a Realidade Brasileira. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2004.

BNB. **Avaliação da Execução, Resultados e Impactos do FNE PROATUR**. Fortaleza: BNB, 2010.

BNB. **Complementação do PDITS Pólo Costa do Sol/2004**. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads>>. Acesso em: 27 out. 2013.

BNB. **Prodetur - Apresentação**. Fortaleza: BNB. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/apresentacao/gerados/apresentacao.asp>>. Acesso em: 25 out. 2013.

BNB. **Programação 2011: Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste**. Fortaleza: BNB, 2011. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2013.

BNB. **Relatório de Resultados e Impactos 2009: Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste**. Fortaleza: BNB, 2009. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2013.

BNB. **Relatório Final do Projeto: Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – Primeira Fase**. Fortaleza: BNB, 2005. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads>>. Acesso em: 27 out. 2013.

EVANGELISTA, Francisco Raimundo. **Relações Espaciais e Setoriais da Economia Nordestina – O Setor Agrícola**. Banco do Nordeste, Fortaleza. 2012. Disponível em: <<http://www.bnb.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

EVANGELISTA, F. R. **Relações espaciais e setoriais da economia nordestina – as compras e vendas de insumos intermediários do setor agrícola**. Revista BNB Conjuntura Econômica nº 34, ETENE / Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza. 2013. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/rce_vol34_capitulo_1_avaliacoes_perspectivas.pdf>. Acesso em: 8 de nov. 2013.

GUILHOTO, Joaquim José Martins et al. **Matriz de Insumo-Produto do Nordeste e Estados: Metodologia e Resultados**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2010.

IBGE. Economia do Turismo: Uma perspectiva macroeconômica 2003-2009. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <http://www.ipece.ce.gov.br>>. Acesso em: 22 de out. 2013

IPECE. 1. Impactos Econômicos da Operacionalização do Centro de Eventos do Ceará (CEC). Fortaleza: IPECE, 2012. Disponível em: < <http://www.ipece.ce.gov.br>>. Acesso em: 20 de jan. 2013.

IPECE. 2. A Evolução do PIB dos Estados e Regiões Brasileiras no Período 2002-2010. Fortaleza: IPECE, 2012. Disponível em: < <http://www.ipece.ce.gov.br>>. Acesso em: 22 de out. 2013.

IPECE. 1. Indicadores Econômicos do Ceará 2011. Fortaleza: IPECE, 2013. Disponível em: < <http://www.ipece.ce.gov.br>>. Acesso em: 22 de out. 2013.

IPECE. 2. Perspectivas da Economia Cearense para 2013. Fortaleza: IPECE, 2013. Disponível em: < <http://www.ipece.ce.gov.br>>. Acesso em: 22 de out. 2013.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. Economia do Turismo. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2013. Volume 40. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 22 out. 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. 1. Boletim de Desempenho Econômico do Turismo. Nº 33, 2012. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. 2. Boletim de Desempenho Econômico do Turismo. Nº 36, 2012. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. 3. Panorama do Turismo Internacional – 2012. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 20 out. 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. 4. Turismo no Brasil 2011-2014. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 22 out. 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. 5. Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil – 2010/2011. São Paulo: 2012. Principais Resultados

Selecionados. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>>. Acesso em: 24 out. 2013.

O POVO. Disponível em < <http://www.opovo.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2013.

OLIVEIRA, A. P. Turismo e Desenvolvimento. Planejamento e Organização. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

PEIXOTO, Tunay Moraes. 2012 foi o ano de consolidação do turismo como indutor do desenvolvimento do Ceará. Disponível em: <http://www.setur.ce.gov.br/noticias/2012-foi-o-ano-de-consolidacao-do-turismo-como-1/newsitem_view>. Acesso em: 23 jan. 2013.

RABAHY, W. **Turismo e Desenvolvimento**. Estudos econômicos e estatísticos no planejamento. São Paulo: Manole, 2003.

ROSA, Raimundo Nonato B. **Análise do Turismo na Economia de Fortaleza (período de 2003 a 2007)**. Fortaleza/CE: Monografia do Curso de Ciências Econômicas – UFC, 2008.

SANTOS, Ana Aracelly Lima. **Uma Descrição e Análise do Turismo Receptivo no Ceará**. Fortaleza/CE: Monografia do Curso de Ciências Econômicas – UFC, 2007.

SANTOS, Gilvan Farias. **Análise Insumo Produto das Relações Espaciais e Setoriais do Complexo da Construção Civil do Estado do Ceará em 2004**. Fortaleza/CE: Monografia do Curso de Ciências Econômicas – UFC 2013.

SEMACE. **Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR/CE II**. Fortaleza: SEMACE. Disponível em: < <http://www.semace.ce.gov.br>>. Acesso em: 27 out. 2013.

SETUR. **Evolução Recente do Turismo no Ceará**. Fortaleza: SETUR, 2009. Disponível em: < <http://www.setur.ce.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

SETUR. **Indicadores Turísticos 1995/2012**. Fortaleza: SETUR, 2013. Disponível em: < <http://www.setur.ce.gov.br>>. Acesso em: 22 out. 2013.

SETUR. **Mercado Turístico e Oportunidades de Investimentos no Ceará**. Fortaleza: SETUR, 2005. Disponível em: < <http://www.setur.ce.gov.br>>. Acesso em: 28 out. 2013.

SOUZA, Myrtis Arrais. **A Cadeira Turística**. Fortaleza: BNB/ETENE, Equipe de Estudos de Sistemas Agroindustriais, 2000.

ANEXO E – Valor Adicionado do Resto do Nordeste por Atividade

	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	RNE	
	13	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	14	15	16	17	18	
Turismo		Agropecuária; Outras Indl Indústria d Indústria d Têxteis e Ar Artefatos d Indústria d Serviços In Construção; Comércio Logística Outros Servç Infra-Estrut Intermedia Educação e Governo																	
Prod Nac	5736,6	6301,3	42941,8	10994,5	2314,4	2946,7	1163,6	4959,4	899,0	6617,2	7732,8	5479,3	3990,0	6791,7	4237,5	3940,0	4141,8	16023,2	
Importado	288,5	573,6	7161,1	281,8	224,7	196,9	72,1	534,6	71,1	592,8	483,3	328,9	232,7	336,7	229,6	124,6	289,1	876,3	
Imp Import	6,9	21,8	125,8	6,2	3,4	10,7	3,6	27,5	3,7	7,8	22,1	5,3	6,6	9,0	3,8	0,9	6,2	13,6	
ICM Nac	596,0	312,2	1636,8	313,5	61,6	89,0	54,8	195,2	39,9	733,7	295,6	310,2	320,0	492,0	341,2	152,4	276,4	965,4	
ICM Import	16,7	17,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,9	57,2	9,2	17,7	31,6	16,8	4,6	30,6	52,7	
IPI Nac	178,6	2,5	134,1	28,8	13,1	2,5	5,8	49,2	6,8	5,4	14,1	1,0	5,6	12,8	9,8	2,5	10,4	10,9	
IPI Import	4,8	0,3	2,8	0,2	0,1	0,0	0,1	0,1	0,2	3,5	41,0	4,8	0,5	7,0	1,2	0,5	1,3	3,6	
Outros ILL Nac	142,5	128,3	1120,9	178,4	32,2	52,7	20,7	81,4	15,2	156,8	135,9	139,6	157,5	162,3	129,5	108,4	89,7	450,7	
Outros ILL Import	0,5	3,0	35,2	1,2	0,2	0,5	0,2	1,9	0,2	0,2	1,3	0,3	0,7	0,7	0,4	0,1	0,8	1,3	
CONSUMO INTERMEDIÁRIO	6971,1	7360,2	53158,5	11804,5	2649,7	3299,1	1320,9	5849,2	1036,2	8121,3	8783,3	6278,5	4731,1	7843,7	4969,6	4334,0	4846,2	18397,8	
Remunerações	3587,0	6139,4	6091,8	1513,3	529,3	767,8	350,2	794,5	220,6	1912,0	2893,6	9660,0	1357,0	8644,0	1660,4	2304,0	4073,4	33715,6	
Salários	2959,4	4845,9	4469,7	1134,2	395,5	609,0	275,4	581,1	179,6	1478,7	2223,7	7474,1	1100,3	7462,0	1371,8	1791,6	3417,3	25709,1	
Contribuições sociais efetivas	619,5	1293,5	1612,8	375,0	132,7	157,2	74,2	212,5	40,7	432,6	659,1	2166,6	252,6	1173,4	284,9	512,4	655,8	3049,4	
Previdência oficial /FGTS	618,4	1293,5	1527,4	366,5	129,3	155,8	73,7	207,3	40,2	375,3	648,5	2145,3	251,9	1164,3	284,7	456,8	585,6	3039,6	
Previdência privada	1,1	0,0	85,4	8,5	3,5	1,4	0,5	5,2	0,4	57,3	10,6	21,3	0,7	9,1	0,2	55,6	70,2	9,8	
Contribuições sociais imputadas	8,1	0,0	9,3	4,2	1,1	1,5	0,6	0,9	0,3	0,7	10,8	19,3	4,1	8,5	3,7	0,0	0,3	4957,1	
Excedente operacional bruto e rendimento misto bruto	3385,7	10371,0	12024,6	1851,6	375,1	1188,3	133,8	-77,6	499,2	7875,5	8468,0	11524,5	2810,6	22330,1	4269,7	3806,8	1190,6	4211,8	
Rendimento misto bruto	1505,4	7376,4	212,3	92,5	51,9	425,1	31,0	1,2	125,6	0,0	2607,1	4086,3	1074,3	2730,5	546,2	73,7	746,2	0,0	
Excedente operacional bruto (EOB)	1880,3	2994,6	11812,2	1759,1	323,1	763,2	102,8	-78,8	373,7	7875,5	5860,9	7438,2	1736,3	19599,6	3723,5	3733,0	444,4	4211,8	
VALOR ADICIONADO CUSTO FATORES	6972,7	16510,4	18116,3	3364,9	904,4	1956,0	484,0	716,9	719,8	9787,6	11361,7	21184,5	4167,5	30974,1	5930,1	6110,8	5264,0	37927,4	
Outros impostos sobre a produção	94,8	151,7	494,7	109,5	26,6	39,0	17,5	56,6	11,5	145,2	172,0	276,7	85,8	215,4	99,0	153,2	118,0	4,8	
Outros subsídios à produção	-16,4	-70,0	-3,5	-0,1	-0,1	-4,9	0,0	-4,5	0,0	-3,8	-0,5	0,0	-30,6	-23,6	-25,9	0,0	0,0	0,0	
Valor adicionado bruto (PIB)	7051,1	16592,1	18607,6	3474,3	930,9	1990,2	501,5	769,0	731,3	9929,0	11533,1	21461,1	4222,7	31165,8	6003,3	6264,0	5382,0	37932,2	
VALOR DA PRODUÇÃO	14022,2	29952,3	71766,1	15278,8	3580,6	5289,3	1822,4	6618,2	1767,5	18050,3	20316,3	27739,6	8953,8	39009,6	10972,9	10598,0	10228,3	56329,9	
Pessoal Ocupado	935394,5	5264499,6	322169,4	162006,3	33503,2	329919,7	49367,6	14674,0	40402,2	78046,5	1080126,6	2587103,5	214455,2	2569174,9	199452,8	89750,0	466283,7	2097288,5	

ANEXO H – Participação (%) do Valor Adicionado no Ceará

Setores	VBP	CI TOTAL	Valor Adicionado Bruto	Remunerações	Excedente operacional bruto e rendimento misto bruto
Indústria do Transporte	100,0	84,2	15,8	93,6	1,3
Governo	100,0	31,8	68,2	89,0	11,0
Educação e Saúde	100,0	46,4	53,6	78,5	19,3
Artefatos de Couro e Calçados	100,0	72,0	28,0	66,0	30,6
Indústria de Bebidas	100,0	73,3	26,7	58,3	38,9
Turismo	100,0	48,5	51,5	53,4	45,6
Intermediação Financeira	100,0	40,0	60,0	46,5	51,1
Indústria de Alimentos	100,0	80,2	19,8	43,8	52,6
Comércio	100,0	22,9	77,1	40,4	58,3
Outras Industrias	100,0	69,2	30,8	38,5	59,2
Outros Serviços	100,0	21,4	78,6	33,6	65,7
Agropecuária	100,0	34,2	65,8	33,6	65,8
Texteis e Artigos do vestuário e ac	100,0	61,2	38,8	33,1	65,2
Indústria do Mobiliário e Diversa:	100,0	58,4	41,6	32,4	66,1
Logística	100,0	50,8	49,2	31,9	66,9
Construção Civil	100,0	45,2	54,8	27,5	70,9
Infra-Estrutura e Comunicação	100,0	45,1	54,9	26,8	71,9
Serviços Industriais de Utilidade F	100,0	43,0	57,0	18,8	79,8